ISAURA MELO FRANCO

IMAGÉTICA JORNALÍSTICA SOBRE A JUVENTUDE NO TRIÂNGULO MINEIRO

(DÉCADAS DE 1950 E 1960)

Ano 2024

ISAURA MELO FRANCO

IMAGÉTICA JORNALÍSTICA SOBRE A JUVENTUDE NO TRIÂNGULO MINEIRO

(DÉCADAS DE 1950 E 1960)

Ano 2024

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Imagética jornalística sobre a juventude no Triângulo Mineiro (décadas de 1950 e 1960)

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Isaura Melo Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F825 Franco, Isaura Melo
Imagética jornalística sobre a juventude no Triângulo Mineiro (décadas de 1950 e 1960) / Isaura Melo Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-2132-0
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.320241709

1. Movimento Estudantil no Triângulo Mineiro (1950-1960). I. Franco, Isaura Melo. II. Título.

CDD 981.51

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

DECLARAÇÃO DA EDITORA

APRESENTAÇÃO

O presente livro faz parte dos resultados de pesquisa que constituíram parte da tese de doutoramento “A Juventude Estudantil pelo olhar dos jornais do Triângulo Mineiro: entre a tutela e a subversão (décadas de 1950 e 1960)”, defendida em março de 2020 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Está dividido em três capítulos: “Imagens da Juventude construídas no Triângulo Mineiro”; “A tentativa de normatização católica da mocidade nos impressos”; e “Os estudantes e suas práticas cotidianas”.

Parte-se do entendimento de que havia um movimento estudantil atuante nas suas relações com a imprensa do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960, e consequentemente uma emergente atenção desse setor às questões relacionadas aos estudantes, são abordadas neste último capítulo, as imagens construídas sobre essa juventude.

O principal objetivo deste se constitui em desvendar os princípios educacionais centrais que circularam pela imprensa da região, que pretendiam nortear as ações da juventude estudantil do referido contexto. Para atingir tal propósito, buscou-se identificar os discursos relacionados aos “problemas” e as “virtudes” da mocidade, bem como suas principais influências e as práticas culturais vivenciadas no âmbito das instituições educacionais que se transformaram em notícia nos jornais locais.

É sempre importante lembrar que a imprensa buscava normatizar e enquadrar o comportamento dos jovens da região dentro de um padrão que visava afastar estes das ações de caráter rebelde ou até mesmo revolucionário, em que os estudantes assumiam em várias partes do mundo. Desse modo, a presente obra apresenta conceitos, teorias e metodologia bem fundamentadas, contribuindo para a produção científica do país.

Isaura Melo Franco

SUMÁRIO

IMAGENS DA JUVENTUDE CONSTRUÍDAS NO TRIÂNGULO MINEIRO

No presente capítulo são analisados diversos artigos, crônicas e demais gêneros jornalísticos que discutiam as ações, os comportamentos e a cultura juvenil dos anos de 1950 e 1960. Desse modo, busca-se desvendar parte das representações de imprensa relacionadas aos papeis atribuídos as moças e aos rapazes do referido contexto, que circularam em meio à parcela letrada das cidades triangulinas.

Nessa perspectiva ressalta-se o fato de que, a partir da segunda metade do século XX a imprensa em todo o país teve sua atenção voltada para as discussões sobre as questões da juventude, devido a uma crescente preocupação com a "rebeldia juvenil" e ao agitado cenário político e cultural vivenciado nesse período. [1]

No início dos anos de 1950 o *Correio de Uberlândia* publicou uma série de artigos que discutiam o papel do jovem estudante na sociedade brasileira, preocupação esta crescente na medida em que este se engajava em questões de ordem política no país. Dentre tais artigos, pode-se destacar "A tarefa dos moços: Os estudantes, um congresso, um protesto e uma lição" de autoria de Ruth de Assis, colunista do jornal neste período.

> Eu analiso o estudante como o homem que se prepara para uma tarefa: - a de governar o seu país. Como chefe de governo ou auxiliar do executivo, como juiz ou outro membro do judiciário. Como cidadão e contribuindo para a economia e a riqueza, para o poderio e a estabilidade social [...] (*Correio de Uberlândia*, 27/01/1952).

Observa-se que a autora se referia ao discente pertencente a uma elite, imbuído da missão de se preparar para dirigir o país e contribuir para a estabilidade social. Nessa perspectiva salienta-se que o objetivo de formar as parcelas dirigentes da nação por meio do ensino secundário e superior foi um ideário muito comum difundido nesse momento pelas políticas educacionais vigentes.

As conhecidas "Reformas Capanema", realizadas pelo ex-ministro da educação Gustavo Capanema, por meio das Leis Orgânicas de Ensino, decretadas entre os anos de 1942 a 1946, direcionavam o ensino secundário para a preparação das individualidades condutoras do país e para o ingresso ao ensino superior. Enquanto as demais modalidades do ensino médio, destinadas as camadas populares, apresentavam o intuito de formar mão

---

1 No entanto salienta-se que a preocupação da imprensa no Brasil com a questão da juventude foi constante desde o processo de implantação das primeiras faculdades no país. Após a criação da Faculdade de Direito em São Paulo em 1827, passaram a circular nos jornais matérias que consideravam os jovens estudantes como boêmios e imaturos, devendo estes depois de formados abandonarem os vícios da juventude para o exercício da carreira política. "A boêmia estudantil, as extravagâncias [...] e a produção literária deveriam terminar no dia da formatura. Aqueles que desejavam ascender na vida pública e pretendiam ser vistos como agentes políticos do país [...] procuraram logo de romper com o passado acadêmico, assumindo atitudes solenes e burguesas, desvencilhando-se dos arroubos literários juvenis" (MARTINS, 2015, p. 60). Lembrando que ainda de acordo com a mesma autora, a Faculdade de Direito de São Paulo se constitui como marco para o desenvolvimento da imprensa brasileira. Já que grande parte do quadro de redatores dos jornais paulistanos era proveniente dessa Academia, como: o *Farol Paulistano* (1827), *O Observador Constitucional* (1829), *O Constitucional* (1853) e o *Correio Paulistano* (1854).

de obra qualificada para o desenvolvimento econômico do país (CUNHA, 2005). [2]

Desse modo é possível evidenciar que parte do imaginário da população letrada uberlandense na década de 1950 estava condizente com o ideário de jovem como o "futuro da nação", importante agente de mudanças e transformações necessárias ao desenvolvimento econômico do país.

Nesse cenário nacional de projeção do estudante como novo ator político e social, destaca-se o artigo "Estudantes de hoje" de autoria de Alceu de Souza Novaes, o qual tecia considerações a respeito da ação política estudantil no país.

> [...] De uns poucos anos para cá, o estudante ganhou prestígio e posição. Por causa deles, a lei baixou o nível da idade para o exercício do voto e, em São Paulo, a polícia certa vez empregou fuzis de verdade, sem cartuchos de festim. O estudante hoje é 'juca-pirama', como o herói índio de Gonçalves Dias: digno de morrer. E logo capaz de lutar [...]" (*Correio de Uberlândia*, 23/10/1952).

O autor do referido artigo destacava o notório engajamento político e social de jovens pelo país, abordando desdobramentos positivos e também negativos, como a ocorrência de violência policial contra tais manifestações. Logo esse estudante militante é comparado ao jovem personagem indígena do poema épico "Juca Pirama", que significa "digno de ser morto", escrito por Gonçalves Dias no século XIX. [3]

Nesse sentido, ocorria a alusão de que, o jovem destemido engajado em ações "heróicas" poderia sofrer graves represálias na busca de seus ideais e por suas atitudes consideradas polêmicas. Assim é possível inferir sobre a ocorrência da crescente preocupação de parte da população letrada da região em relação às possíveis consequências da militância política estudantil ainda no início dos anos de 1950.

Em abril de 1956, o *Correio do Pontal* em homenagem à criação do "Clube Estudantil Rui Barbosa" em Ituiutaba, publicou a nota "Aos jovens Diretores do Clube Estudantil", transparecendo parte do imaginário local que circulava em torno da educação da juventude.

> Tive a oportunidade de assistir a uma reunião no Club. E. Rui Barbosa, que por tão bela iniciativa e tão esforçados jovens, tornei-me um sócio. Ali, um ambiente que só visa o progresso intelectual de nossos jovens, esquecemos da vadiagem, para dedicarmos exclusivamente ao belo empreendimento da entidade. Estão de parabéns todos os laboriosos rapazes que lançaram em Ituiutaba essa benigna luz, fonte dos mais belos ideais que tanto nossa pátria reclama e pede. Mister se faz que todos os estudantes ituiutabanos, assistam as reuniões do Club e tornem-se membros dele, para que suscite no alvorecer de amanhã, um sustentáculo forte, indestrutível em prol da juventude

2 Tal cenário só foi alterado com a Lei 5.692/1971, a qual reformava a estrutura do ensino secundário, articulando o antigo primário, de quatro anos, e o ginásio de também quatro anos, em oito anos de escolaridade obrigatória, conhecido como ensino de primeiro grau. Logo o colegial, daria lugar ao ensino de segundo grau com três anos de duração.

3 "Mais do que o heroísmo guerreiro, portanto, constituem assunto central do poema o amor filial e os conflitos entre a lei e a afeição. O jovem tupi aparece, por certo, animado de noções de honra pessoal. Mas nele é maior a afeição pelo pai e o senso de dever filial. Por isso subordina decididamente a honra ao que julga o seu dever, quando implora pela vida; e por isso doma o movimento de resposta ao insulto, quando é acusado de covardia. Piedoso, só assume o papel de guerreiro destemido, que espalha e merece a morte, quando toma consciência de que sua devoção causa ao pai mais mal do que bem; quando percebe que, para o pai, a infração ao código de honra é dor maior do que seriam o abandono e a morte solitária na selva" (FRANCHETTI, 2007, p.67-68).

> ituiutabana e do engrandecimento moral e intelectual do Brasil. Parabéns diretores do Club Estudantil Rui Barbosa (*Correio do Pontal*, 19/04/1956).

É possível perceber a defesa de um ideário de jovem livre da "vadiagem", que se associava ao ócio. Na visão do jornal, a filiação da juventude ituiutabana ao referido clube representaria uma saída para fugir de tal risco. Foram exaltados princípios morais e também patrióticos como virtudes que deveriam ser exercitadas pelos "laboriosos rapazes" para que ocorresse um futuro próspero para a nação.

A veiculação de tais ideários pela imprensa nesse período provavelmente estaria associada à circulação da ideologia do nacionalismo desenvolvimentista no Brasil, a qual apresentava as características de estímulo ao nacionalismo e ao patriotismo entre a população para atingir o objetivo maior de desenvolvimento nacional, fator evidente durante as décadas de 1950 e 1960.

Assim como o referido artigo pertencente ao *Correio do Pontal* de Ituiutaba, o *Correio de Uberlândia* veiculou o total de sete textos que expressavam o imaginário que associava a ociosidade e a falta de instrução da juventude aos vícios e a carência de qualidades morais, número bastante expressivo em um total geral de oito artigos que tratavam especificamente sobre o sentido de juventude.

Dessa forma, o *Correio de Uberlândia* fez circular na sociedade local representações que incitavam a necessidade de uma educação moral e profissional para a juventude de forma a afastá-la dos vícios, encaminhando-a para uma profissão, pois o ensino na Escola Vocacional teria esse viés educativo. Além disso, pode-se evidenciar o ideário de que os jovens provenientes das classes populares seriam mais suscetíveis aos vícios, em detrimento aos pertencentes às famílias abastadas que teriam maiores acesso a escolarização. [4]

Logo convém salientar que o Brasil passava por um processo de industrialização e modernização, de forma que o desenvolvimento tecnológico foi almejado para o crescimento deste, devendo a educação ser aliada a tal processo. Assim acreditava-se que a experiência do Ensino Vocacional nos ginásios apoiada aos métodos de ensino ativo seria responsável pelo desenvolvimento de aptidões e até mesmo pela formação do caráter do indivíduo. [5]

Nesse cenário de agitação estudantil por todo o país, a juventude a partir da segunda metade dos anos de 1950 passou a receber diversos rótulos, dentre esses se destaca o de "transviada", inicialmente em decorrência dos novos hábitos associados à influência da música norte-americana e dos galãs de *Hollywood* presente na cultura juvenil brasileira. [6]

O filme "Juventude Transviada" de Nicholas Ray do ano de 1955 fez muito sucesso no

---

4 Nos anos de 1950 nessa região, era comum o envio de jovens provenientes de famílias abastadas aos grandes centros para o ingresso ao ensino superior, enquanto os demais, representantes de uma imensa maioria da população vislumbravam no ensino técnico a possibilidade de realização profissional e ascensão social, muitas vezes não alcançada (SILVA, 2012).

5 Apesar de tais propostas, a experiência dos Ginásios Vocacionais foi restrita. Após a implantação da ditadura civil-militar, essas instituições foram extintas, por serem acusadas de subversão (SOUZA, 2008).

6 Nessa perspectiva destaca-se o "Hino da Juventude Transviada": "Nós somos da juventude, da juventude transviada. O lema da nossa escola. É a lambreta. E a Coca-Cola. Elvis é o nosso mestre. E Pat Boone o diretor. Na nossa primeira aula, nós aprendemos o rock-and-roll" (SANTOS, 2004, p.63).

Brasil e também foi amplamente exibido nos cinemas do Triângulo Mineiro no ano de 1959, com diversos anúncios nos jornais de toda a região.

Figura 1: Anúncio do filme "Juventude Transviada" no Cine Uberaba-Palace

Fonte: *Lavoura e Comércio*, 11/07/1959.

Por meio do anúncio acima, percebe-se que este indicava a negação da permissão de que os adolescentes assistissem ao filme, visto que era expressa a censura aos menores de dezoito anos. No entanto, convém destacar a possível existência das burlas a tais regras, já que a juventude era responsável por grande parcela do público dos cinemas nesse contexto.

Observa-se também que, como estratégia de *marketing*, tal película era anunciada pela imprensa uberabense como: "Chocantemente real! [...] Expressamente humano! [...] Verdadeiramente dramatico! (sic) Impressionante história baseada em documentos diversos

que envolvem as aventuras e amores de uma juventude sem rumo" (*Lavoura e Comércio* 11/07/1959).

A circulação de tal imaginário influenciou parte da população brasileira no que se refere à discussão sobre a educação da juventude. Logo passou a ser comum na imprensa da região a veiculação da expressão "juventude transviada", referindo-se as ações dos jovens até o final da década de 1960.

Logo se concorda com a perspectiva de que, essas imagens associavam a juventude a uma fase de crise, momento difícil, mediado por conflitos que levariam ao distanciamento da família (DAYRELL, 2001).

Em Ituiutaba a discussão sobre a referida temática logo foi pauta da imprensa escrita e rendeu aguçados debates, assim como revelava o artigo "Juventude Transviada":

> Como? Juventude transviada? Não é uma calúnia inominável que vem adquirindo fóros de verdade. Mas o fato é que a juventude não é transviada, em absoluto. Estão transviando a juventude, isto sim, e tudo faz crer que se obedece a um plano bem concebido e melhor executado. A juventude por si só não se transviaria; ela apenas segue exemplo. E é de cima, é do alto, é das esferas que deveriam dar o bom exemplo, que justamente vêm os reflexos de tratar o modo transviado de tôdas as coisas. Sim dos setores representativos da arte, da cultura e da ciência é que vem o modo deliberado de transviar a juventude que apenas passa a ser uma vítima e não ela mesma transviada [...] Donde vem a literatura licenciosa, a música erótica, a diversão pecaminosa? [...] Quem organiza e patrocina os concursos de MISSES onde o corpo da mulher, que deveria ser o Templo do Espírito Santo, transforma-se em motivo de vil corrupção? [...] A culpa deste transvio não cabe a juventude, e sim, aos que por ela deveriam velar, amparar e proporcionar-lhe o bem e o bom, mormente o exemplo que sabemos, arrasta [...] Em suma, baniu-se DEUS dos lares e a religião foi enxotada do seio da família como traste imprestável [...] Juventude de minha pátria não estais transviada, mas vos estraviam. Lutai, lutai lembrando-vos de que é melhor morrer com honra do que viver sem ela (*sic*) (*Correio do Triângulo*, 14/05/1959).

Era evidente no contexto investigado que o novo cenário cultural dos anos de 1950 e 1960 provocou novos hábitos e a mudança de comportamentos na sociedade em geral, em especial na juventude, a qual chamou a atenção de setores mais conservadores da sociedade, que passaram a observar com maior proximidade e a opinarem sobre as novas práticas vivenciadas por essa.

Nesse sentido, o *Correio do Triângulo* responsabilizava a arte, a ciência e a cultura pelo "transvio" de comportamentos dos jovens, realizando uma alerta para que as famílias cuidassem da educação de seus filhos, por meio da valorização dos princípios morais cristãos e patrióticos. Assim era veiculada pelo jornal a ideia de que o jovem não seria capaz de pensar por si, sendo facilmente manipulável, mediante o afastamento da religiosidade.

Além da veiculação de tais ideários, salienta-se o fato de que o corpo da mulher era considerado como "Templo do Espírito Santo", sendo de acordo com a doutrina católica comparado a Virgem Maria.

> [...] as mulheres, como herdeiras de Maria, semi-divinizada, tomada como modelo de submissão, de pureza e de sofrimento, são aparentemente revalorizadas, e tidas simbolicamente como "salvadoras" da sociedade, em função de seu papel maternal idealizado, no quadro da família sacramentada [...] (ARY, 2000, p.77-78).

Conforme evidenciou a autora acima, tal modelo de mulher "marianista" esteve presente na sociedade brasileira nesse período. Desse modo, o corpo feminino não deveria ser visto em sua sensualidade, mas deveria representar a imagem de pureza e castidade antes do matrimônio, e após este, entraria em cena a figura materna, a qual deveria educar seus filhos de acordo com a moral cristã.

Nessa discussão sobre os desvios de condutas da mocidade, destaca-se também o artigo "Ainda a Juventude Transviada", o qual realizava a denúncia de maus comportamentos de um pequeno grupo de jovens em Uberlândia, assim como é revelado abaixo:

> Mais uma vez somos obrigados a denunciar irregularidades que imperam nesta já tão sacrificada cidade de Uberlândia. Desta vêz é com um certo grupo de rapazes que, alheios aos princípios do decôro, primam por apresentar à sociedade espetáculos deprimentes, imorais, fazendo do centro comercial de nossa terra um campo de nudismo. Vá lá que o calôr está mesmo insuportável, concordamos, mas êste fato não oferece ensêjo para atentar contra os bons costumes. Afinal, Uberlândia é ou não é uma cidade civilizada? Parece que alguns 'mocinhos' temdêsejos de desmentir o bom nome e alto conceito que desfruta em todas as plagas, pois o que vêm praticamente fere profundamente os espíritos bem formados. É muito frequente depararmos em plena avenida Afonso Pena, no pavimento superior de uma das nossas melhores casas comerciais, um grupo de rapazes praticamente nus, gritando como possessos graçolas e ditos jocosos aos transeuntes, geralmente acrescentando as palavras, gestos que depõem contra nossos foros de civilidade. E temos também, muitas vezes, sido vítimas de suas brincadeiras de péssimo gosto, servindo de alvo às cascas de frutas, pontas de cigarros, e os tais engraçadinhos gostam muito de despejar água nos que passam por ali. Aquêles que quiserem praticar atos indecorosos, ou desejarem trajar no 'natural', têm o direito de o fazer, mas para isso há lugar. Queremos dizer que a ilha das flôres está recebendo quem quiser ir, ou então ponham-se à vontade, mas não as janelas para oferecer espetáculos degradantes. Já é de tempo de Costumes dar atenção a êste problema (*sic*) (*O Repórter*, 11/10/1961).

O artigo acima se referindo a "juventude transviada" apontava a imaturidade, o descontrole e a indisciplina de alguns indivíduos no município. Nesse sentido, o autor criticava severamente o pequeno grupo de rapazes acusados de sérios atos de imoralidade e desrespeito diante da população local, praticando atentado ao pudor e brincadeiras desrespeitosas com as pessoas que passavam pelo centro comercial da cidade. Além disso, fazia menção à necessidade de disciplinarização das condutas desses moços, defendendo a moralidade e os "bons costumes" da juventude. Logo mobilizava a opinião pública pela defesa da imagem de civilidade do município, associada aos princípios morais da tradicional família mineira.

No início da década de 1960, os jornais estudados também apontavam alternativas para o engrandecimento moral e intelectual da juventude, como indicava o artigo "Ensino universitário e pesquisa", assinado por José Mendonça (*Lavoura e Comércio*, 07/06/1960). Este apresentava a defesa de alguns princípios propagados pelo movimento da Escola Nova no Brasil, assim como o método de ensino ativo, a visão do aluno como centro do processo educativo e a necessidade de realização das pesquisas no ensino universitário para o desenvolvimento da juventude.

Nesse cenário de emergência do estudante como novo elemento social ativo, Uberaba recebia em setembro de 1961 Frei "Xico", sacerdote dominicano que realizava conferências para os jovens, no intuito de estimulá-los para a participação política, em prol da justiça social. Nessa ocasião, o *Correio Católico* demonstrou seu apoio e adesão a tal ideário, publicando e defendendo as falas desse conferencista por meio da matéria "Característica da Juventude Brasileira Sêde de Justiça Social" (sic). [7]

> Declara: 'Há, dentro do jovem, uma sêde inata de justiça e geralmente o jovem desperta para um grande ideal, através com seu encontro com as verdadeiras exigências da justiça. Os problemas sociais estão na ordem do dia. Seria inútil e mesmo criminoso querer barrar o dinamismo dessa realidade'. Afirma adiante: 'Isso implica no fato de que tantos jovens inteligentes e de bons corações tenham de suportar o pêso de problemas imensos, muitas vêzes acima de suas próprias fôrças. Mas ninguém deve impedir aos jovens de se preocuparem e discutir êstes problemas' (sic) (Correio Católico, 02/09/1961).

Em tal conferência proferiu-se a ideia de que existia um verdadeiro despertar da juventude para os problemas sociais, principalmente nos grandes centros urbanos. Os jovens de todo o país deveriam se empenhar na luta contra a desigualdade social brasileira. Além disso, é explicitado o posicionamento contrário a qualquer setor que tentasse impedir a mobilização desses sujeitos, considerado até mesmo como ato "criminoso".

Ao que se refere à educação da mocidade, O Repórter na manchete "Adolescência: jovens devem ser interessados nos estudos" (24/09/1962), destacava a existência de conflitos nas condutas morais juvenis e logo afirmava a necessidade de um amplo conhecimento filosófico por parte dos educadores para enfrentarem tal desafio. Dessa forma, era enfatizada a preocupação com o comportamento dos adolescentes, reiterando-se a responsabilidade dos professores no processo de formação das condutas morais de seus alunos.

Durante o período pré-1964, em que antecedeu a censura e o fechamento do jornal progressista *Folha de Ituiutaba* em consequência do golpe civil-militar, esse projetou na

7 Durante as décadas de 1950 e 1960 no Brasil ocorreu um período de predominância da concepção pedagógica renovadora. Esse movimento ganhou destaque em 1932 com a publicação do "Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova", redigido por Fernando de Azevedo e contando com o importante apoio de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Tais educadores apresentavam a defesa da escola pública, obrigatória, gratuita, laica e de coeducação dos sexos. Estes se apoiavam em uma nova metodologia de ensino já divulgada na Europa e Estados Unidos, com base na Psicologia, Biologia e Sociologia. Entendiam que a escola necessitaria ser uma réplica da sociedade a que ela representa, logo esta deveria ser reformada para que pudesse acompanhar o avanço material da civilização, preparando uma mentalidade que moral e espiritualmente se ajustasse ao desenvolvimento do país. Assim seria formada uma "hierarquia democrática", por meio das capacidades biológicas dos indivíduos, desconsiderando os determinantes sociais no processo de escolarização (SAVIANI, 2007)

sociedade local um ideário de jovem engajado politicamente, assim como indicava o artigo: “Nova entidade estudantil vai ser fundada - Os estudantes Unidos de Ituiutaba querem uma participação ativa da classe na política”:

> Favoráveis que sempre fomos à participação dos estudantes na política, nós auguramos sucesso a empresa que têm os três pela frente. Afinal, sendo a política o setor em que se decidem os destinos de um povo, e nela militando cidadãos sem qualificação alguma para tal, por que então se pretender negar ao estudante, em quem se pressupõe nível cultural em ascensão, e principalmente, espírito de renúncia, o direito de imiscuir na coisa pública? (*Folha de Ituiutaba*, 10/11/1962).

Nesse sentido, percebe-se que a questão da participação política dos estudantes se constituía em temática debatida na *Folha de Ituiutaba*, tendo em vista o fato de que nesse período os jovens se mobilizaram politicamente em todo o país. Desse modo, esse impresso demonstrando posicionamento crítico em relação à desqualificação de alguns representantes políticos, incentivava a organização e a participação dos jovens discentes em ações politizadas.

Após a implantação do governo militar no país, como já foi abordado anteriormente, a discussão sobre as ações da juventude intensificou-se, tornando-se preocupação de diversos setores da sociedade brasileira, constituindo-se em temática a ser discutida pela imprensa em geral. O artigo “O Papel do Jovem na Sociedade”, de autoria de Maria Rosa de Carvalho, apresentava tal problematização como ordem do dia em 24 de maio de 1966.

> Ignorado muitas vêzes é o dever do jovem perante a sociedade que conta. Jovens enérgicos, confiantes e idealistas, não permitem que lhes explorem tais dons em prol do bem coletivo. Admitem a concentração de tais poderes sómente em favor de si mesmo. No entanto, sequiosa de auxílio e estímulo, permanece a sociedade em suas diversas escalas. Necessário se faz tal compreensão nos cérebros capazes, porém, inertes de vários jovens. Êstes esquecendo seus deveres, enxergam demasiadamente seus direitos. O Senhor, caros jovens, doutou-nos de energia não para acumulá-las em favor dos vãos empreendimentos. Confiou-nos Êle um ideal firme não para o concentrarmos ao bem próprio. Depositou-nos em mãos a capacidade de agir e realizará, mas não se alegrará se tais dádivas for por nós utilizadas em banais edificações. Observemos a nossa volta. Quantas iniciativas podemos ter a fim de abolir vários devaneios da sociedade? Canalizemos nosso vigor, nossa energia e capacidade, fazendo-nos tomar um rumo construtivo. Utilizemos de início a palavra sã capaz de suavizar um coração doido e aclarar um cérebro amaranhado. Lancemos a semente do trabalho no solo fértil do nosso exemplo. A jornada da vida, está por nós iniciada. E embora nos parecendo florida, oculta entre as ramagens germes destruidores. Se contemplarmos atentamente o bosque, depararemos com muita ocupação. Aqui é o regato manso fendo a interromper-lhe o curso ramagens sêcas; ali o galho tombado barrando a passagem do caminhante. E a quem é dado o dever de ajudar e ampliar a passagem dos que nos sucedem? A nós jovens está a cargo tal obrigação. No bosque da vida, a sociedade assemelha-se ao regato citado. Não se ergue nem vai à frente porque lhe interrompe os galhos sêcos do vício e da ociosidade. Não nos assemelhamos à ferramenta não

> usada, que a um canto jáz coberta de ferrugem. Trabalhemos, trabalhemos sempre. Sejamos cada um a coluna forte a sustentar o grande edifício do progresso que amanhã orgulhosa a Pátria inaugurará. Sua fachada terá um letreiro luminoso a destacar: Progresso e Fraternidade! Maria Rosa de Carvalho (*sic*) (*Tribuna de Minas*, 24/05/1966).

O escrito acima realizava críticas a juventude de então, que segundo este, não canalizava suas energias para o "bem comum", sendo acusada de egoísta e de enxergar "demasiadamente seus direitos", esquecendo seus deveres. Logo apontava a necessidade de que os jovens fossem estimulados por parte da sociedade.

A autora também utilizou várias metáforas, como "galhos secos" para designar o vício e a ociosidade, os quais estariam submetidos certos jovens, considerados empecilhos para o progresso da nação. Em seguida, recorreu ao cristianismo para justificar as dádivas concedidas aos jovens e alertar estes de que, seus dons não estariam sendo utilizados de maneira correta.

É possível observar a circulação de um imaginário pelo *Tribuna de Minas* que considerava os estudantes manifestantes como desocupados e desordeiros, os quais eram acusados de desperdiçarem suas oportunidades em lutas "inúteis", mobilizadas por "germes destruidores", não servindo aos interesses coletivos.

A divulgação de tal ideário foi bastante comum nesse cenário de repressão ao movimento estudantil nacional. De forma que do total consultado nesse jornal de sessenta e nove matérias diversas relacionadas às ações dos estudantes em geral e aos ideários relacionados à juventude, dezenove artigos depreciavam os jovens militantes políticos nas capitais, somente entre maio de 1966 a dezembro de 1969.

De modo geral, a imagem do jovem foi projetada como responsável pelo desenvolvimento e futuro da nação, porém este não deveria se envolver em reivindicações que contrariassem os interesses dominantes, mantenedores da "ordem". Dessa forma, seu papel, de acordo com a autora, seria trabalhar em favor do "progresso e fraternidade" da pátria.

Dentre os setenta e dois artigos encontrados relacionados ao sentido de juventude, vinte e cinco encarava esta como propulsora do progresso e desenvolvimento da nação, com maior destaque para o período anterior a ditadura civil-militar.

A juventude na segunda metade da década de 1960 e suas ações organizadas também foram destacadas pelo *Correio de Uberlândia*, como "massa de manobra" altamente influenciável por teorias subversivas. Assim como abordaram os artigos escritos por Francisco Leôncio Cerqueira. Observa-se o seguinte trecho:

> As manifestações da profunda desordem em que se encontra o espírito da nossa juventude se estendem a todos os campos de sua atividade, dominam tôdas as suas potências, mancham as suas ações mais corriqueiras. Em artigo anterior ('A Atrofia Intelectual da Nova Geração'), procuramos apresentar a profunda degeneração intelectual que nossos jovens atingiram. Frisei então que não se trata de manifestações isoladas, mas é toda juventude que

> sofre do mesmo mal, embora em graus variáveis de intensidade [...] Com a repetição frequente desse fenômeno, o jovem acaba por perder o contrôle sôbre seus próprios atos, que já não serão conseqüência de reflexão madura e prolongada, mas decorrerão exclusivamente da sensibilidade. Êle agirá em tal caso exatamente como o ator agiu em idêntica circunstância - como por reflexo. Suprimiu-se assim o papel da vontade. A juventude passou a ser uma massa amorfa manobrável, lastimável (sic) (Correio de Uberlândia, 20/09/1966).

Percebe-se claramente o intuito de desqualificar as ações do movimento estudantil em geral, já que o jovem ativo politicamente era caracterizado por uma "atrofia intelectual", que segundo o autor citado, o impedia de assumir o controle sobre seus próprios atos e vontades, não sendo capaz de pensar de forma autônoma e inteligente.

A veiculação na sociedade triangulina do ideário de "juventude transviada" foi recorrente ainda no final dos anos de 1960. Assim como destacava o artigo "Jovens transviados não: Pais sim", o qual realizava uma discussão sobre a preocupante educação da juventude nesse momento.

> Atualmente, é moda falar em Juventude transviada, mal emprego do sentido, o que existe são pais transviados, que não tem sôbre os filhos verdadeira autoridade. A decadência da maioria dos pais está levando a juventude a um caminho degradante para um país que se desenvolve igual ao Brasil. Todos os pais devem saber de tudo o que passa com seus filhos para melhor saber orientá-los, na sociedade, evitando que estes tornam mal de um povo. Os pais, apoiando no tal modernismo, tudo é normal, tudo que faz com sua diabrisse, as vêzes, muitos ainda comentam com certa felicidade o desajuste do filho glorificando com o seu êrro. Os maus encaminhamentos procederam às revelias, por lhes faltar a observância dos seus progenitores, êstes nada ligam para os filhos; dão mais valor a uma mesa de jogo e outros vícios do que velar por sua prole como verdadeiros responsáveis por sua procriação. Está no culminante momento dos pais olharem por seus filhos, do que serem êles tachados como transviados, qualquer jovem aceita tudo o que não presta, para satisfazer vontade ainda desapreparado, o moço é um aventureiro cultivador da ilusão. Pais não deixem que seus filhos sejam advertidos pelas autoridades dêem mais cônforto com seus conselhos, observem os passos, exijam mais respeito e façam corresponder com seus imperativos paternais, não deixem enquanto menor absolutamente ficar até altas horas vagando pelas ruas como é visto nesta cidade, não viciar naquilo que lhes pode trazer futuros dissabores, ofereçam-lhes uma religião. Vocês que são pais ajudem a edificar uma sociedade sadia, patriótica, que será admirada por todos os povos, não sejam, portanto pais transviados e sim responsáveis. Acompanhem a minoria dos pais que ainda é uma exceção que bem saber criar seus filhos tornando-os bons brasileiros (*sic*) (*Tribuna de Minas*, 27/05 /1967).

O referido texto criticava os pais acusados de não darem a atenção necessária a educação de seus filhos, considerando a maioria destes como "pais transviados", em decorrência dos sérios problemas relacionados à juventude. Os pais eram responsabilizados pelo caminho "degradante" em que os jovens estariam percorrendo no país. Certamente a elite católica é quem deveria ser copiada na educação dos filhos. De modo geral, a juventude

era vista como imatura e vulnerável aos erros, as aventuras e a ilusão destemida, sendo incapaz de decidir sobre sua vida.

Dessa forma evidencia-se que a *Tribuna de Minas* realizava uma alerta para que as famílias estabelecessem um rígido controle sobre a mocidade, de modo que esta não se envolvesse em manifestações polêmicas e contrárias a ordem então vigente, não entrando em conflito com as autoridades. Posicionamento este contrário à mobilização estudantil nesse cenário de fortes tensões entre o governo e a sociedade civil organizada.

Assim defendia a necessidade de uma educação mais rígida com maiores cobranças dos pais, associada aos princípios morais, cristãos e patrióticos para a formação de "bons brasileiros", de acordo com os ideais proferidos pelo sistema.

Nesse sentido, é possível perceber a circulação do imaginário de que os jovens devessem ser tutelados pela família em primeiro lugar, depois pela Igreja e o Estado, para que estes fossem inseridos na estrutura social vigente, sem, no entanto modificá-la.

Mesmo após a implantação do regime militar no país, a questão da formação dos estudantes para o exercício da democracia era abordada pela imprensa do Pontal Mineiro. Logo merece destaque o artigo "Como educar para a democracia", publicado pelo jornal *Cidade de Ituiutaba*:

> O comportamento democrático de um povo impõe a sociedade o dever de educar os cidadãos a fim de que estes exerçam o direito de eleição com consciência esclarecida [...] De qualquer forma os debates na Academia Evangélica de Loccum demonstram que a democracia política não é um sistema intuitivo e que se devem preparar os jovens cidadãos a uma posição pessoal consciente que lhes permita avaliar e escolher as suas opções políticas, o que é, de fato, bom para a sociedade, para a coletividade, acima de sua visão individualista, livres de dogmas e tabus (*Cidade de Ituiutaba*, 14/10/1967).

O texto acima descrevia as discussões realizadas na Alemanha Ocidental no ano de 1959 no âmbito da Academia Evangélica de Loccum em relação à educação da juventude. Preocupação esta que girava em torno do posicionamento político dos jovens. Nessa ocasião, afirmava-se que a formação política dos estudantes não deveria se restringir a uma educação cívica. Contudo, reiterava-se a importância de uma educação que visasse o desenvolvimento de uma ampla visão sobre as estruturas políticas, em detrimento a consciência sentimental de uma comunidade.

De modo geral, percebe-se que o jornal *Cidade de Ituiutaba*, apesar de veicular severas críticas ao movimento estudantil politizado nesse período, como foi discutido anteriormente, apresentou contraditoriamente por meio desse único artigo, a defesa de uma educação que possibilitasse o desenvolvimento de uma consciência coletiva para o exercício da democracia através do direito ao voto nas eleições. Fato que demonstrava a inserção de uma posição progressista nesse editorial de tendência conservadora.

Em 1967 os protestos contra a Guerra do Vietnã iniciados em *New York*, sob o lema "Faça amor, não faça guerra", tiveram repercussão na Europa e em outras localidades nos Estados Unidos e se constituíram em estopim para o movimento de contracultura juvenil. De forma que no ano de 1968 acontecia uma efervescência de manifestações dos jovens por todo o mundo. "Ocorreu verdadeira revolução dos costumes. Havia a necessidade de quebrar velhos tabus e destruir valores estabelecidos" (CARMO, 2000, p. 50).

Essa onda de "rebeldia juvenil" intensificou ainda mais a preocupação e a discussão de diversos setores da sociedade brasileira sobre a questão da educação da juventude diante das novas práticas culturais vivenciadas pelos jovens.

Nesse sentido destaca-se também a "Crônica de verão: Juventude cabeluda", de autoria de Ironides Rodrigues, publicada pela *Tribuna de Minas*, a qual realizava uma avaliação sobre as manifestações culturais da juventude de então.

> Um belo rapaz de vasta cabeleira feminina passou pela rua, numa ostensiva calça blue-jean, já desbotada pelo tempo. Ruídos de protestos se ouviram, de velhos caturras, em sinal de desaprovação. Não faltou uns velhos Catões, que lançaram a sua perfídia senil e gagá: 'Que pena a policia não tosar êstes cabeludos e não lhes dar uma sova, para criarem vergonha'. Como são hipócritas estes nossos antepassados, cujos desvários da mocidade causaram arrepios [...] Confesso que esta rebeldia dos jovens, em face da ética e das convenções sociais, me agrada e alegra. O moço jamais poderá ser orientado por uma velharia borocochão, cujo passado não merece o menor respeito das pessoas austeras. O jovem olha os desmando incuráveis do Brasil e verifica que nada desta decadência cultural é produto de elemento novo. Tudo é obra de pessoas que ultrapassaram a casa dos quarenta [...] Que andem com seus cabelos cacheados à Rónnie Von, que façam de Roberto Carlos o seu ídolo e que só cantem as baladas estranjeiras do Agnaldo Timóteo, eles estão no seu genuíno direito, de liberdade pessoal e mental. Mas, o que desaprovo nesta meninada rebelde é a sua falta de cultura e de experiência diante da vida. Se estudasse mais as coisas do Brasil e deixassem de lado a influência nefasta da pior cultura norte-americana. As histórias de quadrinhos, as Seleções Rilder Digest, os péssimos livros policiais, o iêiêiê tirado das pseudo músicas ianque, todos êstes fatos abonam a mentalidade da nossa juventude cabeluda [...] (*sic*) (*Tribuna de Minas*, 06/02/1968).

Por meio da crônica acima, evidencia-se críticas do autor a desaprovação de adultos conservadores em relação aos empreendimentos culturais da juventude brasileira. Destaca-se que os setores conservadores da sociedade de então já tratavam os movimentos sociais como casos de polícia, devendo estes ser reprimidos.

Em seguida, o autor afirmava que a "decadência cultural" vivenciada no país era produto de pessoas maduras, que ultrapassaram os quarenta anos de idade e não dos jovens. Também realizava críticas sobre a influência ianque e norte-americana nas músicas brasileiras, defendendo a importância da expressão dos valores nacionais. Discussão esta muito comum no final da década de 1960.

Apesar da censura e do autoritarismo a diversos setores da sociedade brasileira, o país passava por uma fase de efervescência cultural, com destaque para o teatro e a música popular.

> A partir de 1965, têm início os festivais de música e com eles o surgimento de compositores como Chico Buarque de Holanda, Geraldo Vandré (cuja música 'Pra não dizer que não falei de flores' encarna o sentimento anti ditadura dos estudantes de todo o país), Milton Nascimento, Gilberto Gil, Caetano Veloso etc. Como contraponto surge também Roberto Carlos – 'o rei da jovem guarda' – cuja música é mais comercial e desvinculada de preocupações políticas. No teatro Millôr Fernandes, José Celso Martinez, Oduvaldo Viana Filho (Vianinha), Chico Buarque e outros foram responsáveis por espetáculos como o 'Show Opinião', 'Liberdade- Liberdade' e 'Roda-Viva' de forte cunho político. Contudo, o terrorismo de direita não dá sossego a esses grupos de teatro (GERMANO, 2005, p. 116).

A produção musical brasileira dos anos de 1960 era influenciada pela polêmica e rivalidade entre ritmos estrangeiros, como a música *pop* e as correntes nacionalistas. Logo a crescente participação dos estudantes nos movimentos de contestação ao governo militar, esquentava o clima dos festivais de música que buscavam expressar a opinião pública sobre as questões do momento (CARMO, 2000).

Tais manifestações culturais demonstravam a insatisfação crescente das classes médias intelectualizadas e de universitários em relação ao governo ditador (GROPPO, 2000). No entanto, os artistas que se empenharam na tarefa de se utilizarem da arte revolucionária de teor politizado e crítico foram severamente perseguidos pelo regime militar.

É perceptível que o autor da crônica "Juventude cabeluda" apresentava uma tentativa de defesa do direito dos jovens de se expressarem culturalmente por meio da arte. Mas, por outro lado, considerava essa juventude rebelde e imatura, apresentando uma visão conservadora, ao se referir aos cabelos longos, como femininos. Verifica-se que novamente era realçada a ideia de que os jovens seriam incapazes de conduzirem suas próprias vidas.

A discussão sobre o sentido da juventude tomou conta das páginas do *Correio Católico*, principalmente nos anos finais da década de 1960, como reflexo da preocupação da Igreja com a formação dos jovens, nesse período de turbulências por todo o mundo. Observa- se o artigo "Endeusamento da Juventude":

> AFINAL: que é a juventude? Vamos vê-la, assim como ela é, sem diminuição e sem exâgero? A JUVENTUDE de hoje assim como a de ontem, é a passagem bio-psicológica de uma idade. Não é um estado propriamente. Nem constitui uma classe determinada com direitos igualitários como as demais. É uma idade importante na vida do homem. Pois lançam-se as bases do futuro, amor, amizade, profissão, estado de vida, etc" (*sic*) (*Correio Católico*, 30/11/1968).

O *Correio Católico* veiculou durante o período estudado representações sobre a juventude que incitavam que esta deveria receber orientações da família e da Igreja para a formação do cidadão condizente com os princípios cristãos. Foram catalogados quarenta e dois artigos que circularam durante os anos de 1950 e 1960 nesse viés.

É importante destacar que circularam, no final dos anos de 1960, representações que indicavam o caráter de dualidade da juventude brasileira, ou seja, a divisão entre jovens "orientados" e jovens "desorientados", avaliação que tinha como base os princípios morais

cristãos. Nessa perspectiva salientam-se os artigos dos dois jornais de orientação católica: "Dois tipos de Jovens" (*Correio Católico*, 04/12/1968); e "Dois tipos de juventude" (*Tribuna de Minas*, 11/02/1969).

O jovem visto como "desorientado" era o principal foco de atenção desses impressos. Este era severamente criticado por suas novas práticas culturais e pelo seu distanciamento dos preceitos morais cristãos.

> [...] Não sabendo orientar suas fôrças, o jovem se torna vítima delas: é a sensualidade desenfreada, o rancor as tradições familiares, as rixas entre companheiros, os vícios (como alcoolismo, narcóticos, jogo), a indolência e a leviandade [...] (*sic*) (*Correio Católico*, 04/12/1968).

A sensualidade é novamente destacada como umas características malévolas desses tempos, além da negação de outros aspectos que caracterizavam a cultura juvenil:

> A JUVENTUDE sensual, desfibrada e cômodista, confinada dentro do horizonte estreito do próprio individualismo? São os que gostam dos clubes barulhentos, das festas noturnas, das futilidades, dos namoros frívolos, da vadiagem e do não fazer nada [...] Esses não acordaram para a tarefa que lhes cabem na construção do mundo [...] (*sic*) (*Tribuna de Minas*, 11/02/1969).

Em contrapartida, o jovem "orientado" deveria ter como características principais a lealdade a religião, a fuga aos hábitos "mundanos" e a preocupação com o futuro e a família, trabalhando pela "paz e fraternidade", de forma que este:

> [...] segue o caminho de vida indicado pela sã razão e pela santa religião [...] evitando o que é mal, prejudicial, leviano, aceitando o que é útil, bom e sério. O jovem orientado lança as bases para o seu porvir profissional e vocacional. Trabalha hoje em função do dia de amanhã. Pensa na família, não para praticá-la e condená-la, mas para continuá-la, evitando seus defeitos. Aprimora sua humanidade na prática da religião que não é velho costume de velhos e decrépitos [...] (*Correio Católico*, 04/12/1968).

Nesse sentido, os referidos jornais realizavam apelos para que o jovem que se encaixasse no modelo "desorientado" fizesse uma revisão de seus erros e buscasse os fundamentos da religião para a edificação de seu caráter, controle de seus instintos e para seu desenvolvimento integral e da família no processo de reconstrução do mundo. Além disso, buscavam alertar as famílias e a sociedade letrada em geral para uma rígida educação e controle de seus filhos, baseados na moral cristã. Desse modo, o jovem era mais uma vez associado ao futuro, entendido como um ser que deveria protagonizar novos tempos, mas, não o presente. Fato que também poderia estar vinculado à estratégia de manipulação da juventude, por meio da restrição de suas ações.

A semelhança de conteúdo entre os dois artigos pode indicar que o *Correio Católico* de Uberaba, era lido pela *Tribuna de Minas* de Uberlândia e vice-versa, bem como a existência de diálogo entre esses dois órgãos da imprensa, visto que ambos eram de orientação católica. Além desses, também foram evidenciados diversos outros artigos, notícias e matérias jornalísticas em geral, de caráter semelhante nos diversos jornais pesquisados no Triângulo Mineiro.

Nesse sentido, corrobora-se com a interessante afirmação de que no meio jornalístico, "Entre os produtores-consumidores de noticiais que formam o círculo íntimo do público de um repórter, incluem-se também repórteres de outros jornais, que constituem seu grupo de referência profissional mais amplo" (DARNTON, 1990, p.49).

Em decorrência das polêmicas enfrentadas pelo movimento estudantil, conhecido como manifestação de rebeldia juvenil, devido à onda de protestos que se espalharam por todo o mundo, principalmente no ano de 1968, reforçou-se a ideia de uma "crise da juventude". Logo a discussão sobre tal temática passou a ser emergente em diversos setores letrados da sociedade triangulina.

> Em Minas, de tradição conservadora de um forte poder oligárquico – mesmo tendo sido na colônia o espaço de onde se deu a 'Inconfidência Mineira' e parte da luta pela independência -, os movimentos estudantis em 1968 vão combinar os sonhos utópicos internacionais com as lutas contra a ditadura militar. Houve cortes e combinações com as diferentes características da história local. Entre os jovens mineiros, as mudanças na cultura e nas formas de convivência serão profundas, nas maiores cidades, ao lado da permanência de culturas e manifestações tradicionais, na maioria dos municípios. Muitos dos participantes ativos do movimento estudantil iriam no futuro ocupar papéis importantes em diversas áreas profissionais e mesmo na política institucional (VIEIRA, 1998, p.89).

Nesse cenário de efervescência juvenil, observou-se que a questão da juventude e o movimento estudantil no Triângulo Mineiro passaram a ser observados e controlados por setores tradicionais dominantes.

Dentre os eventos que discutiram o então contexto, salienta-se a realização de conferência proferida pelo professor Domingos Pimentel de Ulhôa no *Rotary Club* de Araxá em abril de 1969. Esta apresentava o intuito de debater os motivos e as saídas para a chamada "crise da juventude" e recebeu notório destaque pela *Tribuna de Minas*, publicada com o título "Juventude... e lei... e ordem". Tal jornal apresentou posicionamento complacente com a visão enunciada, assim como se pode observar nos trechos em evidência a seguir:

> [...] Companheiros o motivo dêste enfoque, jôgo de meio campo, é fundamental na abordagem dos problemas da juventude, pois 'é banal dizer que todos assistimos a uma crise da juventude. Menos banal seria definira natureza exata desta crise e identificar os fatores que a determinam ou condicionam' [...] a juventude está EM crise ou a juventude está NA crise? A juventude na sua face minoritária de alienação, de alucinógenos, de deliquência, de protestos, de sexo, de violência, temerosa de entrar no futuro super organizado que a espera, representa apenas curtos circuitos esparsos numa rêde estruturalmente deteriorada, ou choques condicionados em série e comandados por uma chave geral? 'Os problemas (da juventude) são sérios, universais, e sobretudo, nada novos. As soluções são naturalmente antigas... Mas que desafio significa efetuá-las!' [...] 'É preciso convencer nossa mocidade de que, em lugar de atirar pedras, deve juntar essas pedras e, com elas construir alguma coisa. É preciso dar um ideal a essa juventude. Se ela não tiver um ideal vai arrasar tudo. Encurtando passos: 1) o problema velho como é, não pode ser político. Tem, na verdade, um contraponto político, capitalizado e desfrutado por profissionais da subversão'[...] (*sic*) (*Tribuna de Minas*, 29/04/1969).

O conferencista utilizou metáforas para discutir a questão da juventude no país. Defendeu uma visão contrária a oposição do movimento estudantil ao regime civil-militar, de forma que os jovens militantes foram arduamente criticados por realizarem seus protestos, sendo acusados de não contribuírem para a melhoria da nação.

Em seguida foram expressas representações estritamente pejorativas à parcela dos jovens que realizava protestos contra o governo, responsável pela chamada "crise da juventude", sendo rotulada como "alienada", "usuária de drogas", "delinquente", "vulgar", "violenta" e "desordeira".

Na sequência do pronunciamento, o palestrante afirmou que a juventude necessitava de ideais, transparecendo mais uma vez o imaginário de que esta seria incapaz de pensar autonomamente em um mundo novo. Logo acusava os militantes de serem desocupados e vazios intelectualmente. Assim buscava mobilizar a opinião pública para o controle da mocidade brasileira, em decorrência do risco desta trazer maiores "problemas" ao país, devido à influência da infiltração de ideologias subversivas entre esta.

Dessa forma, é possível observar a veiculação de um discurso que afirmava a ocorrência de "manipulação" dos jovens pelos "subversivos". Em contrapartida, pela elite dominante receberiam um "ideal" e não manipulação.

De modo geral, a referida reportagem divulgava o imaginário de que a "crise da juventude" seria um problema universal e antigo na sociedade, não se relacionando ao cenário político de então, isentando assim a responsabilidade do governo com os conflitos ocorridos. Ou seja, de acordo com essa visão o problema seria a mocidade rebelde que infligia a lei e a ordem e não o sistema político opressor.

Nesse sentido, percebe-se a existência de uma visão cristalizada de que a juventude seria uma fase difícil, de imaturidade. Essa rebeldia, portanto, deveria passar, de forma que, os jovens não seriam passíveis de serem atendidos, mas deveriam ser instruídos e controlados pelos adultos. Logo se corrobora com a perspectiva defendida por Dayrell (2003, p. 41) de que "[...] essa idéia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil".

Nesse cenário de efervescência do movimento estudantil por todo o país e o mundo no final da década de 1960 e as constantes acusações de subversão dirigidas a UNE, devido ao recrudescimento do regime civil-militar aos protestos dessa entidade contra o governo, a discussão sobre os comportamentos da juventude se constituiu em temática emergente a ser debatida pela imprensa nacional e também da região.

Assim essa "juventude extraviada" foi caracterizada como uma minoria irresponsável, anarquista, sem qualidades e que não trabalhava e nem reconhecia o sacrifício dos pais para a sua sobrevivência. Esses jovens foram considerados incapazes para o trabalho, o estudo e os "bons costumes", devendo estes passar por um processo de "reforma". Desse modo, a mocidade deveria ser vigiada e até mesmo punida.

Logo se evidencia a severa crítica ao grupo de universitários de classe média, que compunha o movimento estudantil e engrossava os quadros de oposição ao governo ditador. Estes foram considerados nesse período, como porta-vozes radicais das insatisfações e expectativas das camadas médias urbanas frente ao cenário político do país (MARTINS FILHO, 1998).

Em contraposição ocorria a alusão a uma mocidade capacitada, estudiosa, responsável e que não se envolvia em manifestações. Nessa perspectiva, devia-se realizar uma censura aos jovens "maus" e separá-los dos "bons" e "ordeiros".

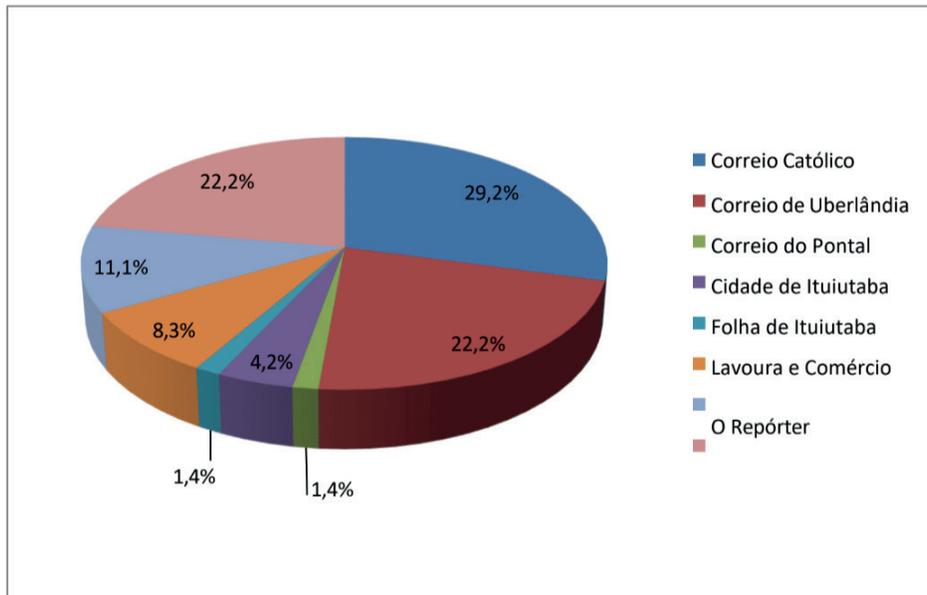
O texto é finalizado com a defesa da ideia de que, a liberdade de expressão da juventude só poderia ocorrer se esta se espelhasse nos "verdadeiros princípios" que merecessem reconhecimento perante a sociedade, com uma participação digna de "orgulho" e "alegria" de todos. Ou seja, deveria estar de acordo com as diretrizes estabelecidas pelo governo.

Nesse sentido, percebe-se claramente a veiculação pelo *Correio de Uberlândia* de representação pejorativa referente à juventude militante, participante do movimento estudantil, denominada de "juventude extraviada", a qual era obviamente condenada e rejeitada pelos setores dominantes.

De acordo com tal ideário, a liberdade de expressão dos jovens só seria viável mediante a censura e a conversão dos indivíduos considerados "delinquentes" a um modelo ideal de juventude pacífica. Assim observa-se um posicionamento condizente com os interesses do regime civil-militar, até porque não havia espaço para outro tipo de posicionamento, em decorrência da censura e repressão intensificadas pelo AI-5.

Como já mencionado anteriormente, principalmente durante os anos de 1950, ocorreu a veiculação da ideia do jovem como o "futuro da nação". Nesse contexto, a ociosidade, os vícios e a falta de instrução, acompanhados da ausência das virtudes morais cristãs presentes entre parte da juventude eram considerados sérios obstáculos para o desenvolvimento.

Em relação ao percentual de textos encontrados em cada impresso sobre a representação da juventude, vislumbra-se o seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Percentual de matérias que discutiam especificamente o sentido de juventude nos jornais de Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia (1950-1969)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Foi possível evidenciar de modo geral, que a imprensa escrita da região veiculou nos anos de 1950 e 1960 conteúdos de caráter moralista da juventude, distribuídos entre o total de setenta e dois textos diversos. Na segunda metade da década de 1960 intensificou-se o número de artigos preocupados com o sentindo que a juventude deveria tomar, em especial destaque os jornais *Correio Católico* com 29,2%, *Correio de Uberlândia* com 22,2% e o *Tribuna de Minas* também com 22,2% do total do conteúdo analisado. Considerando-se o período de circulação desses três jornais, destaca-se que o *Tribuna de Minas* apresentou uma maior preocupação com tal problemática, considerando o fato de que este iniciou suas atividades somente no ano de 1966.

Por meio do gráfico anterior, também se observou a efervescência de tal assunto na imprensa de Uberlândia, a qual apresentou cerca de 55,5%, em seguida a de Uberaba com 37,5% e a de Ituiutaba com a estimativa de apenas 7% das matérias encontradas.

Logo se constatou a predominância de tal discussão nos impressos de orientação católica, *Correio Católico* de Uberaba e o *Tribuna de Minas* de Uberlândia, os quais representaram 51,4% do total de artigos que realizavam a discussão específica sobre o sentido de juventude e seu direcionamento.

Verificou-se que, a partir do final da década de 1950 e no decorrer dos anos de 1960, a juventude passou a receber diversos rótulos, veiculados pelos periódicos estudados, devido ao cenário de agitação cultural e política do país, assim como os de “transviada”, “cabeluda” e “extraviada” principalmente devido aos novos hábitos culturais juvenis.

Dessa forma, parcela dos jovens brasileiros foi considerada por jornais da região como "rebelde" e "imatura", muitas vezes por contestarem os padrões conservadores estabelecidos e por realizarem manifestações políticas contrárias ao governo ditador.

Nesse cenário de "crise da juventude", intensificado a partir do final da década de 1960, a imprensa no Triângulo Mineiro buscou mobilizar a opinião pública para que as famílias, os educadores de modo geral e os próprios jovens controlassem os comportamentos e as ações da mocidade, para que esta não se envolvesse em manifestações polêmicas e contrárias ao poder político vigente.

Foi perceptível uma constante preocupação dos jornais na região com a moralização dos jovens, que deveria ser fundamentada nos princípios morais cristãos católicos. Desse modo, a representação imagética sobre o sentido de juventude seguiu os interesses dos grupos que estavam no poder nessa conjuntura, assim como a Igreja Católica.

A TENTATIVA DE NORMATIZAÇÃO CATÓLICA DA MOCIDADE DOS IMPRESSOS

A discussão sobre o empenho dos católicos em normatizar o sentido de juventude se apresentou necessária nessa pesquisa, devido à grande influência destes nos artigos dos jornais investigados. Logo é necessário retomar ao contexto global, marcado pelo grande projeto de recuperação do poder social da Igreja Católica, ameaçado pelas transformações ocorridas na modernidade. [1]

A Igreja Católica no Brasil sempre se posicionou enquanto um agente educativo, desde a chegada dos primeiros Jesuítas durante o governo geral de Tomé de Souza ainda em 1549. Desse modo, a educação foi entendida como peça chave no seu trabalho de evangelização e propagação de sua doutrina entre os povos.

Com a Proclamação da República em 1889, influenciada pelos princípios positivistas e racionalistas, o Brasil decretou o fim da monarquia e do regime de padroado, se declarando um país laico e abolindo o ensino religioso das escolas oficiais (SAVIANI, 2007).

No entanto, a Igreja se mobilizou para recuperar o seu domínio em matéria de educação, principalmente a partir da década de 1920, em um movimento conhecido como reação ou restauração católica. Nesse sentido, foram criados a revista *A Ordem* e o *Centro Dom Vital*, tendo como principal pensador Dom Sebastião Leme.

Convém destacar que esse movimento de restauração católica no Brasil, para a saída da crise vivenciada após o laicismo da Velha República, baseou-se nos seguintes princípios

> A *Tradição* é entendida como a continuidade dos princípios fundamentais do cristianismo católico entre seu passado e seu presente. Ela fixa os elementos recebidos, é bem especifica para o caso do Brasil, já que nação de herança católica. *A Escolástica*, especialmente os princípios filosóficos do tomismo, dá segurança, porque é a própria 'filosofia perene'. Ela não está sujeita às contingências do espaço e do tempo, tanto quanto as outras filosofias. *O Magistério*, a esta altura já definido pelo Vaticano 1º como *infalível* em matéria de dogma e moral, garante, por sua autoridade, uma interpretação verdadeira de Revelação. Expressa-se sobretudo pelas *encíclicas*. Reconhece-se sua adaptação às realidades regionais através *das cartas Pastorais* da hierarquia católica (CURY, 1978, p.41).

Desse modo, a doutrina da Igreja seria formada por esses três elementos, a tradição, a escolástica e o magistério, os quais deveriam nortear o homem e a sociedade em um extenso movimento de intelectualismo religioso. De acordo com tal ideário, os princípios religiosos necessitariam ser ensinados para os leigos, abrangendo as instituições de ensino.

---

1 A Reforma Protestante iniciada por Martinho Lutero (1483-1546) na Alemanha teve um papel importante na formação da mentalidade moderna. Esta contestava a forma de organização da Igreja Católica, contribuindo para que a educação passasse para o domínio das autoridades laicas. Em contraposição, a Igreja organizou o movimento de Contrarreforma, convocando o Concílio de Trento (1545-1563) e retomando a concepção Escolástica medieval. Logo o desenvolvimento de novas ordens religiosas e seu papel na educação buscaram "frear" o protestantismo pelo mundo (CAMBI, 1999).

No estado de Minas Gerais o presidente Antônio Carlos de Andrada autorizou o ensino religioso nas escolas públicas no ano de 1928. Em nível nacional, esse ensino foi restabelecido pelo Decreto n. 19.941/1931 pelo Ministro Francisco Campos, após a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública no governo provisório de Getúlio Vargas em 1930. Desse modo, acreditava-se que o ensino religioso estaria imbuído da formação moral do jovem brasileiro. Nesse cenário, cerca de 80% dos estudantes secundaristas encontravam-se presentes nas escolas confessionais católicas (PACHECO, 2012).

É importante destacar que a Igreja foi um órgão privilegiado do exercício de poder no decorrer da história brasileira. Muitas vezes associada ao estado, ou se interpolando a este, mas sempre parceira no domínio da sociedade, estabelecendo estratégias de conquista e manutenção de influência nos setores públicos e privados (MARSON; JANOTTI; *et. all*, 1999).

A partir da década de 1930 até os anos de 1960, os educadores católicos disputaram a hegemonia do campo educacional no Brasil com os intelectuais renovadores, representantes do Movimento da Escola Nova, os quais defendiam principalmente uma educação pública, obrigatória, gratuita, laica e de coeducação dos sexos, princípios estes que contrariavam a estrutura das escolas confessionais dirigidas pelas congregações religiosas.

Dentro do movimento de renovação social da Ação Católica (AC), após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu o desenvolvimento de movimentos leigos que se espalharam entre a juventude. Logo foram criadas a Juventude Estudantil Católica (JEC); Juventude Universitária Católica (JUC); Juventude Operária Católica (JOC); Ação Operária Católica (AOC); e a Ação Popular (AP), movimento mais radical defensor de uma revolução socialista "cristã". Além desses, também foram organizados outros espaços de atuação dos militantes da esquerda católica, como o Movimento de Educação de Base (MEB), os Sindicatos Rurais Católicos, dentre outros que possuíam caráter local. [9]

Esses grupos tiveram importante destaque na militância política estudantil desse contexto agitado, principalmente na década de 1960, em torno das discussões relacionadas à educação e cultura populares, desenvolvimento do país, nacionalismo e transformação social.

A sociedade mineira desde seus primórdios foi marcada pela tradicional família católica de estrutura patriarcal. No Triângulo Mineiro durante os anos de 1950 e 1960 isso não foi diferente, este acompanhou tal tendência, de forma que a educação escolar em todos os níveis, principalmente a da mocidade pertencente às classes sociais mais favorecidas, era em grande parte dirigida por congregações religiosas que se imbuíram de tal missão. [18]

Assim os renomados colégios confessionais propagaram os valores morais cristãos na região, sendo constantemente abordados pela imprensa. Foram catalogados trinta e três artigos que tratavam especificamente da temática dos estudantes e a sua formação com

base nos princípios religiosos. Destes, dezessete foram publicados exclusivamente pelo *Correio Católico*, o qual representou cerca de 51,5% desse conteúdo. Logo se assinala que a Igreja Católica representava poder consolidado nessa região.

De acordo com os jornais investigados, a influência dessa instituição no meio discente promoveu a associação de parte dos jovens triangulinos ao movimento da JEC e também da JUC, em municípios com significativo contingente estudantil, como Araguari, Araxá, Campina Verde, Uberaba e Uberlândia.

Em abril de 1951 o *Lavoura e Comércio* destacava na nota "Concentração de estudantes" a atuação da JEC em Uberaba.

Concentração de estudantes

No próximo mês de maio, realizar-se-á em Uberaba uma grande concentração da JEC.

A JEC, como manda a Ação Católica, também trabalha para a vitória dos ideais cristãos de modo intenso e entusiastico.

A sua ação se desenvolve no meio da mocidade, preparando as almas para o triunfo da fé católica, para a prevalência do espirito sôbre a matéria, na luta acesa que a Igreja sustenta contra as doutrinas materialistas e dissolventes dos que pretendem banir da terra os principios deixados por Cristo.

O trabalho da JEC, no próximo mês, se processará através de uma grande concentração de jecistas de todos os estabelecimentos de ensino da diocese.

Durante a realização do congresso, serão feitas diversas conferências e palestras, de alto alcance espiritual, moral e cultural.

Esperamos, dentro em breve, publicar o programa dessa importante campanha jecista.

Figura 2: Anúncio sobre a "concentração de estudantes" promovida pela JEC em Uberaba

Fonte: *Lavoura e Comércio*, 27/04/1951.

Desse modo salienta-se o fato de que, o anúncio dos eventos relacionados à JEC nessa cidade não era de domínio exclusivo da imprensa católica. Tal entidade concentrava nesse cenário um grande número de secundaristas pertencentes especialmente às escolas confessionais católicas e também universitários da Faculdade de Filosofia São Tomaz de Aquino (FISTA).

Observou-se que no ano de 1953 o *Correio Católico* criou a "Coluna da JEC", com o propósito de veicular na sociedade local representações favoráveis a tal movimento de jovens ligados a Igreja. [21]

> Da mesma forma, destaca-se o apoio dos jecistas uberabenses ao referido periódico. Já que segundo a "Coluna da JEC" (*Correio Católico*, 17/10/1953), tal movimento realizou intensa campanha para aumentar o número de assinaturas deste jornal, considerado órgão oficial dos cristãos da Diocese

> local. Fato que indicava apoio mútuo nesse momento entre os vários setores do movimento católico em Uberaba. Nesse sentido, buscou-se entender as ações dos estudantes nesse contexto a partir do entendimento de que: É importante não superestimar as forças estudantis como autônomas e portadoras de um projeto de mudanças, elas mesmas desvinculadas do conjunto social, bem como não subestimá-las, considerando-as apenas massa de manobra a serviço da direita ou esquerda do país (FÁVERO, 1995, p. 12).

A Juventude Feminina Católica de Uberlândia iniciou suas atividades no município em fevereiro de 1953. Ao final desse ano, o *Correio Católico* publicou as atividades das jovens da cidade vizinha em reuniões durante todo o período. Dentre as atividades do órgão estavam o estudo da "[...] Estrutura interna e externa da Missa; Ano Litúrgico, A Missa e a vida cristã; Aspectos sociais da Missa; Espiritualidade Cristã centrada na Missa" (*Correio Católico*, 19/12/1953). Passagem que revelava o interesse profícuo dos dirigentes dessa entidade em Uberlândia em manter e atrair fiéis para a participação nas missas.

No início da década de 1950 o *Correio Católico* também demonstrou apoio a Juventude Operária Católica (JOC) publicando o manifesto desse movimento que denunciava as péssimas condições de trabalho dos jovens brasileiros, assim como se pode observar na coluna "Variedades" com o título "Manifesto ao povo e as autoridades":

> A JOC (Juventude Operária Católica) corpo representativo da juventude trabalhadora, realizou em todo o território nacional numerosos inquéritos sobre a saúde dos jovens trabalhadores. Em nome deles, e como parte integrante deles, lançamos este manifesto. Em primeiro lugar queremos denunciar o estado de sub-alimentação da maioria dos jovens trabalhadores do Brasil [...] Em segundo lugar as condições de trabalho vem agravar o estado de saúde da juventude trabalhadora [...] Diante desses fatos alarmantes a Juventude Trabalhadora Brasileira exige das autoridades competentes: QUANTO A ALIMENTAÇÃO [...] QUANTO AS CONDIÇÕES DE TRABALHO [...] Contamos sobretudo com a colaboração e apoio da classe trabalhadora e do povo em geral para as nossas reivindicações. Urge uma tomada de consciência e de posição por todo o povo brasileiro face a essa situação. Cada jovem trabalhador vale mais que todas as máquinas do mundo. JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA (*Correio Católico*, 22/11/1954).

Por meio do manifesto acima, é possível perceber a adesão do *Correio Católico* ao movimento da JOC, o qual se considerava parte integrante deste, por ser um órgão da imprensa de domínio da Igreja em Uberaba. Além disso, este demonstrava nesse momento ser favorável a uma educação popular e a defesa dos direitos dos jovens pertencentes à classe trabalhadora, chamando a atenção da população em geral para a tomada de consciência em relação às situações precárias de trabalho enfrentadas pela juventude em todo o país.

Nesse sentido, o referido jornal se apresentava condizente com o método de direcionamento desse movimento baseado nas ações de "ver-julgar-agir", de forma que deveria primeiramente ser observada por todos a situação dos jovens trabalhadores e dos empregadores, depois haveria a necessidade de julgar a realidade observada e por último

agir no sentido de buscar solucionar os problemas encontrados, mantendo, no entanto, uma “harmonia” entre as classes (VIEIRA, 1998).

Desse modo, o *Correio Católico* apresentou, no início dos anos de 1950, um posicionamento condizente com o movimento renovador da Igreja de se preocupar com as causas populares, em especial com a classe operária urbana, e um direcionamento político relativamente progressista frente aos problemas da sociedade. [22]

Em 23 de julho de 1955 realizou-se no Brasil o “XXXVI Congresso Eucarístico Internacional”, no intuito de definir as bases para que houvesse a divulgação nas igrejas da “Hora Santa dos Universitários”, por meio de sermões dos sacerdotes direcionados aos integrantes da juventude católica de todo o país (*Correio Católico*, 29/07/1955).

Os princípios que fundamentavam a doutrina da Igreja eram repassados a uma parcela dos jovens em Uberaba e divulgados pelo jornal católico na coluna “Hora Santa dos Universitários”, assinada pelo padre Alexandre Gonçalves Amaral, na tentativa de ampliar o movimento de evangelização da juventude.

No Pontal Mineiro, o renomado Colégio Santa Teresa, de ensino confessional feminino dirigido pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas São Carlos Borromeo em Ituiutaba, manteve contato com as Irmãs Dominicanas que coordenavam o Colégio Nossa Senhora das Dores de Uberaba. Nos anos de 1950 foram organizadas excursões de alunas e freiras em eventos comuns a esses colégios católicos de educação feminina na região.

Em maio de 1956, o *Correio do Pontal* apontou a realização de importante encontro de moças ligadas a JEC no Triângulo Mineiro, nas dependências do Colégio Nossa Senhora das Dores em Uberaba. Nessa ocasião, as alunas do Colégio Santa Teresa de Ituiutaba visitaram a instituição e participaram com entusiasmo do evento da juventude estudantil católica feminina da região, que contou com conferência proferida por Frei Mateus Dominicano, presidente da JEC masculina da capital mineira. Observa-se abaixo o artigo “Excursão à Uberaba” produzido por uma estudante do Colégio Santa Teresa em relação à realização de tal acontecimento:

> A nossa cidade ainda não conhece as inúmeras e profícuas finalidades da JEC. Nós, em contato com as jecistas de Uberaba, Araguari, Uberlândia, Araxá e Campina Verde tivemos a feliz oportunidade de conhecer bem de perto quão importante é a atuação da JEC na sociedade. Em linhas gerais: É uma corporação de jovens estudantes católicas, imbuídas de senso de responsabilidade e espírito de sacrifício a serviço da formação moral e intelectual dos estudantes, com a preocupação constante de cristianizar seu meio. Os animadíssimos círculos, debates, conferências pela orientadora e dirigentes foram horas de intenso labor (*Correio do Pontal*, 24/05/1956).

Por meio de tal discurso é possível perceber reflexos de fascínio da jovem estudante pelo movimento jecista, mediado por um processo de doutrinação católica que propunha a veiculação dos princípios morais cristãos entre os discentes. Além disso, observa-se que em Ituiutaba as alunas do Colégio Santa Teresa, em meados da década de 1950, ainda não conheciam as propostas da JEC.

Corrobora-se de modo geral com a perspectiva defendida por Souza (2008), em decorrência de estudo realizado sobre a cultura escolar em São Paulo nesse mesmo período:

> Nesses múltiplos vestígios de cultura escolar pode-se dizer que a disciplinarização das condutas era tão importante quanto a transmissão dos conhecimentos. Dispositivos de controle do corpo e da alma dos alunos eram ainda mais incisivos nas escolas confessionais católicas, masculinas ou femininas e, de modo especial, nos internatos. Nessas instituições, a disciplina era enriquecida com valores morais católicos, ressaltando a polidez e os bons costumes (SOUZA, 2008, p.196).

Assim esses movimentos da juventude direcionados pela Ação Católica e presentes principalmente nas instituições de ensino confessionais, encontraram nos jornais escritos importantes aliados na disseminação da cultura cristã na sociedade. Pois estes veiculavam representações favoráveis aos princípios de tais entidades, certamente mobilizados por interesses econômicos.

Em relação à concepção educacional defendida pela Igreja e veiculada na região, merece destaque o artigo "Supremo Ideal Pedagógico", escrito pelo padre Alexandre Gonçalves Amaral, o qual se fundamenta na Filosofia Escolástica de São Tomaz de Aquino, ao afirmar que:

> [...] o Supremo Ideal Pedagógico não é humano, porque é sobre-humano, é sobre-natural, é cristão. O homem só encontra o seu total acabamento no Criador [...] o Supremo Ideal da educação há de ser procurado, na sua totalidade, para que seus fragmentos não degenerem em oceanos de crimes (*Correio Católico*, 04/08/1956).

Desse modo, a educação deveria ser governada pelos princípios "sobrenaturais", capazes de reorganizar o homem subjetivamente. Logo emergia a necessidade da moral como "[...] força disciplinadora a fim de manter a ordem e a estabilidade" (CURY, 1978, p.42). Assim, de acordo com tal ideário, para formar o homem seria fundamental formar o cristão, esperançoso de "desfrutar a glória na eternidade".

Nessa perspectiva, o "bom cidadão", deveria ser útil ao bem comum, ajudando ao próximo, pois este seria seu "irmão", "filho de Deus". Com base em tal pressuposto, foi incentivada entre os jovens estudantes a participação em campanhas assistencialistas na região, sendo frequentemente veiculadas pelo *Correio Católico*. Tais matérias enalteciam as atividades da juventude católica, além de representar nesse momento, a atenção da Igreja aos mais pobres e necessitados, buscando também atraí-los para essa instituição.

Em meados da década de 1950, o *Correio de Uberlândia* publicou a Coluna "Vida Católica", a qual divulgava noticiários e artigos relacionados à Igreja no município e região, bem como as atividades promovidas pela JEC local. Desse modo, os jecistas uberlandenses eram constantemente elogiados e até mesmo apoiados por esse órgão da imprensa em ocasiões de realizações de diversas campanhas assistencialistas. Assim como indicou a nota "Juventude Estudantil Católica" (18/10/1956), a qual exaltava os representantes

dos colégios locais integrantes da JEC por arrecadarem donativos para as instituições de caridades.

Durante o final dos anos de 1950 e início de 1960 circulou pela sociedade brasileira representações de entusiasmo em relação ao idealismo nacionalista da juventude estudantil. Logo os empreendimentos assistencialistas organizados por estudantes tinham destaque na imprensa.

No início dos anos de 1960, o *Correio de Uberlândia* continuou a divulgar as campanhas assistencialistas organizadas pelos secundaristas cristãos do município. Observa- se o seguinte comunicado anunciando a quermesse na Igreja Nossa Senhora de Fátima: “Realiza-se amanhã no pátio da igreja de N. S. de Fátima, na Vila Martins uma quermesse em beneficio das construções daquela paróquia. O movimento é patrocinado por estudantes secundários locais [...]” (*Correio de Uberlândia*, 14/05/1960).

Na sequência dos acontecimentos, ocorreu a participação dos representantes da UESU em benefício a obras assistenciais vicentinas, por meio da organização de recital de soprano lírico no palco do “Cine Uberlândia”, divulgado pela Coluna “Vitrine” (*Correio de Uberlândia*, 15/05/1960).

Nesse sentido, salienta-se a presença marcante de ideários cristãos no meio estudantil secundarista em Uberlândia, de forma que parte desses estudantes esteve engajada em atividades e campanhas beneficentes em favor de obras assistencialistas para a Igreja Católica e instituições de caridade locais. Realidade bastante comum também evidenciada nos municípios de Ituiutaba e Uberaba no período do presente estudo.

No mês de setembro do mesmo ano, foi publicado pelo periódico católico uberabense o artigo “Fundamento Da Educação Da Castidade”, de autoria do padre Alexandre Gonçalves Amaral.

Nesse escrito era discutida a necessidade de uma educação para a castidade, de forma que esta promovesse orientações seguras para o desenvolvimento da sensibilidade humana. Tal proposta era baseada no pressuposto de que: “Se a vontade depende do intelecto e só este reclama a cooperação dos sentidos, segue-se daí que há uma interdependência ascensional harmoniosa, dentro do homem” (*Correio Católico*, 30/09/1960). Assim, de acordo com essa visão, os instintos sexuais poderiam ser controlados por uma sólida formação do intelecto.

A educação de acordo com a doutrina católica deveria levar em conta as duas realidades humanas: corpo e alma, ordem física e ordem moral. “O corpo humano não é visto como algo separado da alma humana. A educação integral católica não deverá separar aquilo que é unido no composto harmônico” (CURY, 1978, p.56).

É necessário salientar que a JUC em sua origem no Brasil apresentou um perfil conservador e clerical e foi organizada inicialmente no intuito de propagar os princípios cristãos na formação da futura elite do país, ao passo que:

> A visão de mundo que deu origem à JUC estaria ancorada na doutrina medieval da Igreja: a tarefa do homem na Terra seria espelhar a ordem divina ideal, tanto em sua alma quanto na sociedade. Assim, a predisposição seria valorizar a ordem e a harmonia social, acatar as estruturas e as instituições existentes, cujos eventuais problemas estariam nas falhas das pessoas que as compõem. Caberia, no máximo, reformar as consciências individuais para que uma ordem harmônica e justa imperasse no mundo, espelhada na vontade de Deus (RIDENTI, 1998, p.3).

Somente a partir do final da década de 1950 essa entidade começou a se engajar politicamente, de acordo com os ex-militantes Haroldo Lima e Aldo Arantes, os jucistas participaram ativamente "[...] do movimento de política estudantil, debatendo os problemas estruturais da sociedade brasileira e as soluções que as correntes políticas propunham" (LIMA; ARANTES, 1984, p. 27).

De modo progressivo, a JUC ultrapassou seus objetivos estritamente religiosos e preocupou-se com questões relacionadas à estrutura da sociedade e também com a reforma universitária.

Assim como assinalado anteriormente, em Uberaba a JUC teve presença marcante nos anos de 1950 e no início da década de 1960 sob a liderança de Cônego Juvenal Arduini, sacerdote que teve sua vida dedicada à expansão do ensino superior e ao exercício da docência universitária no município. Já que lecionou Filosofia durante o período de trinta e seis anos, de 1949 até o ano de 1985 (ARDUINI, 1992).

Em outubro de 1961 o *Correio Católico* destacava a participação da liderança da JUC de Uberaba em reunião nacional que seria realizada no Rio de Janeiro para a discussão de temas centrais de estudo dessa organização, assim como evidenciava o artigo: "Assistentes da JUC estarão reunidos no Rio a partir do dia 25: O Cônego Juvenal Arduini assistente da JUC em Uberaba estará presente ao certame".

> O revmo. Cônego Juvenal Arduini, assistente da JUC de Uberaba, será o representante do movimento jucista desta cidade. A JUC como se sabe, é um dos departamentos da Ação Católica, agrupando estudantes de nível superior. PROGRAMA DE ESTUDOS [...] O temário compreende: 1- Problemas da sociedade moderna; 2- Problemas religiosos do jovem; 3- Sentire Eclesiae; 4- Jucismo e socialismo; 4- A JUC do Brasil: uma experiência original de Ação Católica; 6- A educação no Brasil (*Correio Católico*, 20/10/1961).

Percebe-se que a preocupação da JUC nesse momento esteve voltada em igual proporção para as questões: educacional, religiosa, política e econômica. Desse modo, era incentivado o engajamento político dos jovens jucistas em todo o país e também em Uberaba. Visto que tal entidade, nesse período pré-1964, se agitava em torno da discussão sobre os problemas sociais brasileiros. Almejava-se assim uma estrutura social baseada na conscientização e participação política dos diversos grupos sociais em busca de um sistema político democrático e pluralista (SIGRIST, 1982).

O Cônego Juvenal Arduini, assessor da JUC em Uberaba, engajado na Ação Católica Brasileira (ACB), apresentava um posicionamento político progressista, defendendo a ideia de que os cristãos tivessem responsabilidade com a justiça social.

A JUC que teve importante atuação no movimento estudantil mineiro se aproximava no início dos anos de 1960 dos grupos políticos de esquerda, passando a defender ideais socialistas. “A leitura e a discussão de Mounier, Maritain, Lebret e Teilhard de Chardin, sob a liderança do Frei Mateus, criava uma nova cultura cristã voltada para as questões sociais e uma ação política transformadora” (VIEIRA, 1998, p.80).

Tais filósofos foram precursores do humanismo cristão na França durante a primeira metade do século XX. Logo o estudo das ideias desses autores influenciou significativamente o movimento de politização estudantil nesse contexto.

Conforme Gavião (2007), em pesquisa sobre a esquerda católica e a Ação Popular (AP) na primeira metade dos anos de 1960, a posição política assumida pela JUC nesse período seguia na direção dos autores humanistas cristãos franceses. Nesse sentido, não eram alinhados com o bloco soviético e nem reconheciam a necessidade de eliminação da propriedade privada dos meios de produção. Por outro lado, criticavam o sistema capitalista e defendiam o controle e a socialização dos meios produtivos em prol dos interesses do “bem comum” e das necessidades da “pessoa humana”.

No entanto, é necessário destacar que na hierarquia da Igreja Católica em Minas Gerais estavam presentes diferentes grupos que apresentavam ideais políticos e sociais convergentes. De forma que o posicionamento político da JUC passou a incomodar os setores mais conservadores da Igreja que não foram condizentes com a aproximação dos jovens cristãos com o ideário socialista (FRANCO, 2014).

Em Uberlândia, os jornais locais continuavam a saudar as iniciativas da juventude idealista cristã no município, assim como indicavam os artigos “UESU homenageará bispo Dom Almir Marques” (*Correio de Uberlândia*, 03/12/1961); e “Magnífica iniciativa da Juventude Cristã de Uberlândia” (O Repórter, 30/11/1961), o qual retratava a criação do Centro de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais de Uberlândia (CEPESU) em novembro de 1961.

> [...] CEPESU – cuja finalidade é formar líderes sociais que atuem, orientados pelo denominador comum de um ideal, nos diversos setores de nossa realidade social. Contando com a colaboração de professores, sócios colaboradores culturais, que podem apenas opinar, mas não decidir. O Centro é fruto de iniciativa dos jovens, e sob sua inteira responsabilidade deverá sempre permanecer. Base doutrinária do CEPESU é a doutrina social da Igreja [...] Condição para ser sócio é concepção e vivência de princípios cristãos, de modo que as portas do Centro estão abertas não somente para católicos, mas também para pessoas de outros credos religiosos que, alias também aceitam o pensamento social da Igreja [...] A grandiosidade da almada juventude encontrou um Centro que é realmente polarizador de seus anseios e atividades, enfeixados em tôrno de um grande ideal humano e cristão. Avante, pois, juventude sonhadora, entusiasta e generosa. Conte com os aplausos e, mais do que com os aplausos, com o apôio dos professores e do povo cristão de Uberlândia. O mundo pertencerá a juventude e nada mais desejamos do que entregá-lo em boas mãos, que o façam mais belo e menos sofredor (*sic*) (*O Repórter*, 30/11/1961).

É notório que a criação do CEPESU nesse município no ano de 1961, órgão direcionado para a discussão e apoio as causas sociais, esteve associada ao grande movimento nacional de renovação social da Igreja com grande participação da juventude e a criação de órgãos voltados para tais problemáticas, assim como os movimentos de cultura e educação populares.

Dentre tais organismos criados entre os anos de 1960 e 1961, pode-se destacar: o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE; Movimento de Cultura Popular (MCP) no Recife; Campanha "De Pé no Chão Também se Aprende a Ler" em Natal; e o Movimento de Educação de Base (MEB), de domínio da Igreja Católica que se expandiu principalmente nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por meio da radiodifusão na zona rural, único que sobreviveu ao golpe civil-militar. Esses movimentos visavam promover uma educação e manifestações culturais de caráter crítico as classes trabalhadoras (CUNHA; GÓES, 1985).

Por meio do artigo jornalístico anterior, também é perceptível a circulação de um ideário entusiasta sobre a juventude cristã brasileira, considerada nesse momento, como propulsora de um bom futuro para a nação, vinculada aos princípios propagados pelo setor progressista da Igreja.

Após a implantação do regime militar no país e o acirramento da perseguição contra o engajamento político dos estudantes no decorrer dos anos de 1960, principalmente entre 1964 e 1968, os movimentos de orientação católica da juventude foram enfraquecendo, por se aproximarem dos ideais revolucionários de grupos de esquerda em oposição ao governo, perdendo assim apoio de parte dos representantes da Igreja nesse cenário.

Certamente como reflexo de tal processo nacional, as ações da JEC e da JUC desapareceram das páginas da imprensa triangulina. Nesse contexto, até mesmo o *Correio Católico* deixou de noticiar conteúdos referentes a tais organizações, possivelmente no intuito de se preservar da repressão instituída pelo governo autoritário.

De modo geral, foi frequente o movimento de politização estudantil juntamente com o apoio de educadores ligados a Igreja Católica na região da década de 1950 até a implantação do regime civil-militar. No entanto, de acordo com a autobiografia do educador e Cônego Juvenal Arduini:

> [...] o Golpe Militar de 1964 desencadeou perseguição a muitos professores universitários. Atingido pela repressão fui interrogado pelo Exército e pela Polícia Militar sobre minhas ideias e atividades culturais e religiosas. Uma das perguntas: Por que os universitários só procuram o senhor para celebrar suas Missas de Formatura? O Golpe de 64 reprimiu duramente estudantes e operários. Houve estudantes presos, exilados e vários deles 'desaparecidos'. A repressão militar alastrou o medo no meio estudantil, nas famílias e na sociedade. E provocou nociva paralisia cívico-política. Houve setores que tentaram afastar-me do meio universitário para neutralizar-me. A ação enérgica de Dom Alexandre frustrou essa tentativa. Mas o serviço de Segurança Nacional continuava a vigiar os contactos que eu mantinha com estudantes de Uberaba e de fora. Após o feroz Ato Institucional nº 5, a situação tornou-se ainda mais difícil. Era praticamente impossível fazer trabalho pastoral

> crítico no meio universitário. Tivemos de entrar num período de recesso. O Objetivo do sistema ditatorial era despolitizar os estudantes e a tese repisada era: 'estudante é para estudar e não para fazer política". Para atingir esse objetivo procurou-se modificar a filosofia da educação no Brasil, retirando-lhe o caráter crítico para reduzi-la ao aprendizado tecnológico. Para isso foram sendo estrangulados cursos que ajudavam a pensar como Filosofia, Ciências Políticas, Pedagogia. Pensar era perigoso. Desta forma as novas gerações de jovens universitários foram prejudicados em sua formação. São vítimas de um sistema anti-pedagógico que lhes dispersou o potencial de participação histórica (ARDUINI, 1992, p. 16).

Nesse cenário de perseguição a discentes e docentes que exerciam atividade crítica e politizada em Uberaba evidencia-se o silenciamento da imprensa local em relação a tais acontecimentos no município, já que esta também se constituiu como uma das vítimas da censura imposta pelo governo opressor. No que se refere ao posicionamento assumido pela Igreja Católica diante ao golpe civil-militar e posteriormente ao panorama de repressão instituída a politização do meio estudantil local, concorda-se com o entendimento de que:

> Sobre a posição da Igreja Católica em relação ao regime militar, havia também uma divisão, pois alguns setores apoiaram o golpe, enquanto outros se mobilizaram contra o Estado de exceção. Em Uberaba, a situação não foi diferente, havia grupos da Igreja que eram favoráveis ao golpe, mas, no conjunto, a instituição protegia seus membros, inclusive os professores e diretores da FISTA que sofreram perseguições políticas do governo autoritário (PAULA, 2007, p.95).

No entanto, vale ressaltar que esses outros grupos religiosos não possuíam o mesmo espaço dos católicos na imprensa escrita, durante os anos de 1950 e 1960. Tal ocorrência indicava mais uma vez que a Igreja Católica se constituiu no cenário estudado, como poder consolidado que buscava se reforçar na hegemonia social no Triângulo Mineiro.

Diante do cenário de agitação do movimento estudantil por todo o país, no ano de 1966 destaca-se a presença de Frei Francisco Maria em Uberaba. Após ser designado como vigário da Paróquia São Terezinha, atuou como um dos dirigentes da mocidade cristã local, promovendo reuniões com jovens de ambos os sexos e casais integrantes do Movimento Familiar Cristão (MFC). Logo visava formar em meio à juventude uma equipe de trabalho com atividades recreativas e assistencialistas de auxílio aos doentes e necessitados.

Além disso, escreveu uma série de artigos para o *Correio Católico* e realizou conferências sobre a questão da juventude local e nacional, pois o mesmo havia sido um dos militantes da Ação Católica em Uberaba antes de ingressar na Ordem de São Francisco de Assis.

Em entrevista concedida ao referido jornal, Frei Francisco Maria defendia o idealismo e as lutas estudantis, na manchete intitulada "Juventude é capaz de reconstrução moral e social do mundo", afirmando que: "[...] a juventude precisa de afeto, compreensão e reintegração social, a fim de perceber o sentido da vida e colocá-la a serviço da sociedade e do bem [...]" (*Correio Católico*, 22/07/1966).

Em agosto de 1966, este sacerdote capuchinho escreveu a Coluna: “A juventude e seus problemas 1: reação dos jovens (16/08/1966)”; “A juventude e seus problemas 2: afastamento religioso” (17/08/1966); “A juventude e seus problemas 3: atitudes estranhas” (18/09/1966); “A juventude e seus problemas 4: música moderna” (19/08/1966); e “O caminho” (20/08/1966).

Essa coluna jornalística resultou de debates que estavam sendo realizados na região Sudeste do país no âmbito religioso em torno dos “problemas” vivenciados pela juventude de então. Desse modo, a “rebeldia juvenil” anunciada estaria associada às seguintes práticas “[...] Cabeleira grande, roupas de côres berrantes, gíria, diversões barulhentas, posições físicas estranhas, fanatismo por ritmos movimentados e estrangeiros, adoração para com ídolos da TV e do cinema [...]” (*sic*) (*Correio Católico*, 18/09/1966).

Logo se chegou à conclusão de que esses “problemas” estariam relacionados à “incompreensão” e a “falta de orientação da família” sobre os anseios dos jovens, bem como a “falta de religiosidade” destes, fundamentais para a construção de um “mundo feliz e cristão”, reafirmando a confiança da Igreja na juventude.

OS ESTUDANTES E SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Nesse último capítulo são discutidas as principais práticas discentes, representadas pela imprensa do referido contexto, que contribuíram para compor a imagem dos secundaristas e universitários na região.

Logo, buscou-se considerar o fato de que a historiografia da educação brasileira ainda necessita avançar nos estudos sobre as práticas educativas e culturais vivenciadas nas instituições de ensino até a década de 1970 (SOUZA, 2008). Nesse sentido, entende-se que as práticas discentes noticiadas pela imprensa também faziam parte do universo educativo direcionado aos jovens desse cenário.

Durante os anos de 1950 e 1960 foi bastante comum a realização de atividades culturais e comemorações em geral entre secundaristas e universitários, organizadas principalmente pelas diversas agremiações estudantis, bem como sua constante divulgação pela imprensa da região.

Nesse cenário, os “bailes estudantis” eram frequentemente anunciados pelos jornais, em comemoração a posse das novas diretorias dos grêmios das escolas secundaristas. Assim como indicaram matérias jornalísticas publicadas a cada início de ano.

Em abril de 1951, o *Correio de Uberlândia* já divulgava as solenidades de posse dos novos dirigentes da Associação Colegial, Esportiva e Cultural do Colégio Estadual de Uberlândia. “Em seguida um magnífico baile” (19/04/1951).

Além da matéria acima, o referido impresso publicou várias outras relacionadas às festividades culturais destinadas aos alunos do Colégio Estadual de Uberlândia, promovidas pela Associação Colegial Esportiva e Cultural desse estabelecimento, observa-se: “[...] nosso Colégio Estadual está destinado a nos oferecer festivais de cultura, interessantes competições esportivas não só pelas finalidades do órgão estudantil, como pela capacidade de organização e atividades de sua diretoria” (*Correio de Uberlândia*, 09/07/1952).

Dessa forma, foi perceptível que os grêmios escolares dos colégios locais ocuparam lugar na imprensa, principalmente devido à realização de atividades artísticas e literárias entre os secundaristas. Assim como sinalizava o anúncio “Festividades escolares”:

> Realiza-se hoje no Colégio estadual de Uberlândia uma sessão lítero-musical promovida pelo grêmio literário recentemente fundado pelos alunos daquele estabelecimento de ensino, como complemento das aulas de português, visando o aprimoramento do estudo de nossa língua e incentivo do interesse pela arte (*Correio de Uberlândia*, 27/09/1952).

A ocorrência desses importantes eventos, homenagens a autoridades do município, bailes em comemoração a chegada de nova chapa dirigente da Associação Colegial, Esportiva e Cultural (ACEC) do Colégio Estadual de Uberlândia era sempre divulgada pelos jornais, assim como também indicava a reportagem “Festividade no Colégio Estadual – Posse da ACEC- Homenagens a autoridades – Baile” (*O Repórter*, 25/05/1953).

Tais festividades organizadas pelos grêmios estudantis eram comuns nas páginas dos diários de toda a região e despertava o interesse de parte da população letrada, no intuito de promover o “engrandecimento cultural da juventude”.

Em 14 de agosto de 1956 o *Correio de Uberlândia* em sua coluna “Vida Social”, destacava: “Com muito prazer atendi ao convite do grêmio Teatral do Colégio Brasil Central para assistir o festival organizado e interpretado pelos alunos do renomado educandário dirigido pelo Dr. Manoel Teixeira de Souza”. Desse modo, evidencia-se que tais espetáculos estudantis eram abordados pelo jornal como forma de valorizar o nome das instituições e de seus dirigentes, enaltecendo as práticas culturais desse grupo social letrado.

No município de Ituiutaba as atividades artísticas e literárias realizadas pelos grêmios dos estudantes secundaristas também eram abordadas com entusiasmo pela imprensa local. Nesse sentido, em 29 de março de 1958 a *Folha de Ituiutaba* anunciava as atividades do grêmio Lítero-educativo do Educandário Ituiutabano, o qual promovia para os alunos da escola seções de Educação Musical e Fabulação com audições de músicas folclóricas e patrióticas. Dessa forma é possível perceber, mais uma vez, o direcionamento dos grêmios estudantis para atividades que possibilitassem a construção de ideais patrióticos.

A UEI também reunia a juventude tijucana em eventos amplamente divulgados pelos jornais locais. “Teremos hoje o grito de carnaval dos estudantes – A UEI vai atear fogo nos salões do Ituiutaba Clube – Presentes todas as candidatas a Rainha do Carnaval” (*Folha de Ituiutaba*, 07/02/1953). Tal anúncio representava o empenho dos dirigentes dessa entidade na organização de festividades culturais em Ituiutaba.

Nos anos de 1960 continuou sendo frequente a organização de bailes pelas agremiações estudantis dos colégios e sua divulgação pela imprensa, assim como demonstraram os seguintes recortes: “Coluna “Vitrine” – “Os estudantes do Colégio Estadual farão baile sábado, na sede do falecido ‘Clube do Cédro’. Posse da diretoria de sua associação colegial [...]” (*Correio de Uberlândia*, 31/05/1960); e “Baile de posse na União Estudantil” (*Folha de Ituiutaba*, 28/04/1962).

O noticiário sobre a realização de festividades escolares em datas comemorativas mereceu destaque nos periódicos da região. Visto que, o anúncio jornalístico poderia atrair prestígio e reconhecimento dessas escolas no meio letrado de seus referidos municípios.

Outra temática de bastante evidência nos impressos investigados foi à organização de excursões entre os discentes dos prestigiados colégios e faculdades e sua posterior divulgação, como forma de enaltecer os valores dessas instituições e dos professores que atuavam nestas. No entanto, ressalta-se que tais práticas eram mais frequentes em escolas de ensino confessional e de iniciativa privadas, as quais recebiam uma clientela formada por classes sociais abastadas.

Nesse sentido, as realizações dessas excursões estudantis eram veiculadas pelos jornais locais como importantes acontecimentos sociais. Observa-se a matéria “Estudantes de Uberlândia: recebidos festivamente no Rio-Sucesso artístico do conjunto”,

a qual informava que alguns alunos teriam participado de uma excursão a capital federal. "[...] Os jovens que pertencem ao corpo discente do Liceu de Uberlândia viajaram em companhia do diretor desse educandário [...]" (*Correio de Uberlândia*, 18/07/1953). O outro jornal concorrente também destacava "Os alunos do Liceu, regressaram a Uberlândia" (*O Repórter*, 22/07/1953).

No Pontal Mineiro, o Colégio Santa Teresa, importante instituição de ensino confessional feminino, se apresentava em destaque na imprensa local, devido à realização de excursões a diversas localidades, como aos municípios de Cachoeira Dourada e Uberaba. Nas matérias "Excursão à Uberaba" (*Correio do Pontal*, 24/05/1956); e "Excursão à Cachoeira Dourada" (*Correio do Pontal*, 11/10/1956), o jornal enfatizava a iniciativa das jovens alunas e das educadoras da instituição.

Os universitários também promoviam excursões para a participação em reuniões com dirigentes de entidades estudantis estaduais e nacionais no período anterior a Lei Suplicy de Lacerda. Dentre as matérias jornalísticas sobre tal temática, pode-se salientar: "Seguem hoje para Ouro Preto Estudantes" (*Correio de Uberlândia*, 27/09/1963). Esta divulgava a viagem de representantes dos Diretórios Acadêmicos das faculdades de Uberlândia para Ouro Preto, no intuito de realizarem a eleição da nova diretoria do Diretório Central dos Estudantes de Minas Gerais.

Em Uberaba, do mesmo modo, era comum a organização de caravanas de universitários a diversas localidades na década de 1960 para encontros com outros grupos de estudantes na discussão de variadas causas.

A manchete "Universitários de Uberaba viajarão para Pirassununga" (*Lavoura e Comércio*, 06/07/1968), destacava os nomes dos representantes dos Diretórios Acadêmicos das faculdades de Medicina e Odontologia que deveriam realizar viagem ao município paulista de Pirassununga para participação em atividades assistencialistas vinculadas ao "Projeto Rondon".

Tal iniciativa recebeu apoio do *Lavoura e Comércio* que publicou notícias sobre a participação de universitários uberabenses no referido projeto. Além disso, salienta-se que na manchete acima o referido jornal colocava em destaque o nome do então secretário municipal de educação, Maurílio Castro. Ocorrência que indicava o alinhamento de interesses políticos na escolha da manchete do dia.

Todavia é necessário destacar que o "Projeto Rondon" foi um movimento universitário criado pelo governo militar por meio do Decreto n.º 62.927, de 28 de junho de 1968, e extinto em janeiro de 1989 até sua nova fase de relançamento em 2003. Este apresentava como objetivo maior a formação do jovem universitário como cidadão responsável pelo desenvolvimento sustentável entre as populações socialmente desfavorecidas. No entanto, de acordo com Amato (2015), tal projeto era norteado por um imaginário nacionalista e apresentava o intuito de afastar os estudantes das manifestações políticas que realizavam oposição ao regime militar.

Retornando a discussão sobre as práticas culturais estudantis, ressalta-se que as famosas “semanas dos estudantes”, também se constituíram em temas abordados pela imprensa na região no final da década de 1950 e durante todos os anos de 1960. Esses eventos, normalmente ocorridos com a duração de uma semana, eram destinados a discussões de causas próprias aos grupos que lhe destinavam.

Os Festivais Universitários de Arte foram frequentes em Uberlândia e em Uberaba durante o período investigado, assim como evidenciavam as matérias: “Coluna Vida Estudantil – Chegou a seu fim a Semana do Teatro Brasileiro [...] Reconhecimento da Faculdade de Direito” (*Correio Católico*, 21/09/1954); “O Festival Universitário de Arte continua polarizando as atenções da população de Uberaba” (*Lavoura e Comércio*, 24/10/1958); “Apresentação do III Festival de teatro universitário”, o qual divulgava o apoio do “Centro Acadêmico 21 de Abril” ao “III Festival Nacional de Teatro Universitário” que reuniu cerca de “800 jovens com espetáculos gratuitos” (*Correio de Uberlândia*, 21/06/1960); e “VII Festival Universitário de Arte”, promovido pelo Diretório Central dos Estudantes de Uberaba em parceria com o Instituto Musical Uberabense (*Correio Católico*, 09/11/1967).

Além das matérias acima, outras foram veiculadas pelo *Correio Católico* em torno desses eventos como: “DCE vai mostrar Música Popular” (16/11/1967); e “Festival Universitário recebe mais inscrições” (14/06/1969), evento promovido por iniciativa do próprio jornal que atraiu estudantes competidores de toda a região, interior de Goiás e de São Paulo, os quais tiveram suas composições musicais avaliadas por um júri especialista em músicas brasileiras. Informações estas que demonstravam o incentivo do referido periódico aos festivais de música popular brasileira, que se espalhavam das capitais para o interior, entre os universitários já no final da década de 1960.

Foi possível constatar que os periódicos que mais se destacaram na divulgação das atividades culturais dos secundaristas foram a *Folha de Ituiutaba* e o *Correio de Uberlândia*, em detrimento aos jornais de Uberaba, os quais tinham sua preocupação voltada para o ensino superior.

De modo geral, é visível que a exposição dos empreendimentos e festividades culturais entre os estudantes na imprensa triangulina expressou principalmente uma forma de publicidade às instituições de ensino confessionais e privadas entre seu público leitor representado por uma elite letrada. Pois o número de analfabetismo era alto nesse período em todo o país.

Essas atividades despertavam o interesse de determinada parcela social, gerando anúncios, reportagens e propagandas, possibilitando assim a ampliação de seu público leitor e movimentando o setor financeiro dessas empresas jornalísticas. Nesse sentido, as representações veiculadas nesses impressos que giravam em torno da imagem do estudante deveriam apresentar relevância para as elites econômica e intelectual locais.

Nas décadas de 1950 e 1960 foi constante entre os secundaristas da região a produção e difusão de diversos folhetins que também ganharam destaque na imprensa

triangulina, principalmente nos municípios de Ituiutaba e Uberlândia. Tal ocorrência pode ser explicada devido ao processo nacional de efervescência política, social e cultural dos estudantes nesse período.

> É interessante salientar a profusão de impressos estudantis que circularam em várias cidades brasileiras entre as décadas de 1930 e 1960. A explicação para tal fato deve ser buscada no contexto brasileiro da época, em que é crescente a participação social e política dos estudantes. Neste período, a imprensa ainda representava um espaço fundamental como meio de comunicação social. Ela estava talvez como em nenhuma outra época, a serviço de interesses das mais diversas instituições e grupos sociais (AMARAL, 2013, p.124).

Apesar do alto índice de analfabetismo por todo o país e na região, o jornal escrito se constituiu em veículo de comunicação privilegiado entre as elites econômicas e intelectuais. Logo merece destaque o fato de que, a produção dos folhetins estudantis representava uma importante forma dos estudantes se organizarem e veicularem suas ideias.

Foi possível observar que a elaboração de tais impressos estava sempre associada às agremiações estudantis existentes nas instituições de ensino. Estes eram bem vindos pela comunidade educacional, representando importante atividade pedagógica nesse contexto, além de fazerem parte da cultura escolar vivenciada em determinados espaços e tempos.

Em junho de 1952 o *Correio de Uberlândia* elogiava a importante iniciativa de discentes e docentes pela publicação do impresso mensal "O Mercúrio", "[...] órgão oficial da Associação Estudantil Mario Porto, anexa a Escola Técnica de Comércio, Liceu de Uberlândia e Ginásio Osvaldo Cruz" (*Correio de Uberlândia*, 18/06/1952).

Nota-se que tais periódicos eram frequentemente observados e avaliados por órgãos da imprensa em relação a seu conteúdo e forma, assim como indicava o *Correio do Pontal* na nota "Clube Estudantil Rui Barbosa": "A Voz dos Estudantes é um novo jornal [...] cujo primeiro número muito nos agrada pela sua ótima impressão e pela sua impecável correção, tanto de redação como de revisão" (*Correio do Pontal*, 29/04/1956).

Além da matéria acima, esse mesmo jornal noticiou a publicação de vários outros impressos, em meados da década de 1950 em Ituiutaba, na manchete "Cinqüentenário da Imprensa Ituiutabana" (*sic*):

> [...] Êste ano - após o aparecimento de "Correio do Pontal", novos órgãos de imprensa foram trazidos à apreciação do público. Esses jornais são os mensários estudantis dos vários estabelecimentos escolares de nossa terra. É com justa honra que inserimos nesta sinopse esses periódicos, pois de qualquer forma o "Correio do Pontal" vem contribuindo sinceramente para o aparecimento constante desses mesmos jornais. No fim de 1955 apareceu "Voz Infantil", órgão oficial do corpo discente do Grupo Escolar João Pinheiro" David e Neide Ap. são seus orientadores. Em 1956 surgiu o primeiro numero de "O Escolar" – órgão oficial do corpo discente do Grupo Escolar "Camilo Chaves", sob a responsabilidade de vários alunos. "A Voz dos Estudantes" dirigido por Nilson Castanheira. Este Jornal desapareceu de circulação e

> "O Comando" – está sendo editado por Aneirton P. Silva, em substituição ao primeiro "O Comando" é o órgão oficial do Centro Cultural Rui Barbosa. Ainda em 1955 aparecia "O Brasileirinho" – órgão oficial do corpo discente do Grupo Escolar "Idelfonso Mascarenhas da Silva", dirigido por Genecy A. de Paula e Ana B. Lacerda. Neste ano surgiu "O Grêmio" sob a responsabilidade das srtas. Dirce Dias e Haydevalda Sampaio. "O Grêmio" é órgão do Grêmio Castro Alves da Escola "Normal S. Teresa". "Garimpeiro" – órgão oficial das alunas do curso primário da Escola "Santa Teresa". "O Patriota" jornal estudantil independente orientado por Jaime Gomes de Morais. Este é o último órgão de imprensa editado nesta cidade até o momento em que redigimos estas notas. Os leitores do "Correio do Pontal" puderam verificar por esta sinopse histórica que a imprensa em nossa cidade é exercida em toda sua plenitude. A cidade conta atualmente com dois semanários e vários mensários estudantis [...] (*sic*) (*Correio do Pontal*, 13/12/1956).

Notam-se os elogios direcionados à imprensa estudantil pelo *Correio do Pontal*, bem como a veiculação de ideais patrióticos no meio discente tijucano. É importante destacar que a grande circulação desses jornais entre os secundaristas nesse período, deveu-se em parte à política educacional vigente desde a Lei Orgânica do Ensino Secundário, em relação aos trabalhos complementares presentes no artigo 46 do capítulo XII, do Decreto-Lei n. 4.244, de 9 de abril de 1942:

> Art. 46. Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre as escolares o interesse pelos problemas nacionais (BRASIL, 1942).

A profusão desses impressos pelos estudantes durante os anos de 1950 também esteve associada à ideia de reivindicação política, assim como demonstrava o *Correio de Uberlândia* em "Noticias e jornais estudantis" (21/05/1957):

> [...] No momento, por outro lado os estudantes lançam-se na fundação de diversos jornais estudantis. Eles ensinam refletir a vida de seus colégios e possui um veiculo de suas noticias internas para o exterior. E daqui destas colunas pedimo-lhes mais alguma coisa: Tomem parte ativa na batalha em prol de uma faculdade, de duas faculdades e por fim, de universidade para Uberlândia. Tomem parte também na batalha em prol da industrialização da cidade Jardim. Promovam todos os jornais estudantis, uma campanha por mais uma biblioteca pública para a cidade, para bibliotecas ambulantes para os bairros, e uma verdadeira campanha do livro, em combinação com o Instituto Nacional do livro. Nós os ajudaremos.

Dessa forma, o *Correio de Uberlândia*, nos anos de 1950, tentava demonstrar seu aparente apoio às manifestações estudantis na luta por melhorias na educação e cultura, nesse momento de efervescência do movimento pela implantação das faculdades no município. No entanto, é necessário considerar os interesses políticos da equipe dirigente desse jornal, que não perdia uma oportunidade de se autopromover frente à população

letrada da região, no processo de conquistas de popularidade e votos, além de buscar apoio a seus candidatos almejados.

As entidades estudantis municipais também produziram impressos que circularam entre os secundaristas locais, assim como a UEI que publicou em 1961 o jornal *Tribuna Estudantil*, divulgado pela *Folha de Ituiutaba* (10/06/1961):

> [...] Jornal noticioso, literário e humorístico, traz em suas colunas, além de bem elaborados trabalhos dos estudantes, preciosas colaborações de professôres valorizando o empreendimento cultural dos jovens tijucanos, que por sinal é de bem esmerada apresentação gráfica (*sic*).

Nesse sentido, evidencia-se a participação de docentes na produção desses periódicos que eram avaliados por órgãos da imprensa local, os quais prestavam elogios a esses empreendimentos culturais da juventude.

Parte dos universitários em Uberlândia também publicou jornais estudantis na década de 1960, porém em menor frequência em relação aos secundaristas. Em junho de 1962, o jornalzinho *Tribuna Acadêmica* completava dois números, de acordo com o *Correio de Uberlândia* (23/06/1962), na nota "Tribuna Acadêmica dois números": "[...] Diversos acadêmicos demonstram seus dotes literários-jornalísticos em suas páginas [...] e merece o apôio dos uberlandenses em sua circulação no meio universitário" (*sic*).

Desse modo, percebe-se que tal grupo de estudantes responsáveis pela *Tribuna Acadêmica* vislumbrava o *Correio de Uberlândia* como importante meio para divulgar, obter reconhecimento e apoio dos demais acadêmicos do município. Fato que indicava que os universitários locais representavam nesse momento parte do público leitor do referido jornal, sendo parte de uma elite intelectual.

Após a implantação da ditadura civil-militar no país a difusão dos impressos estudantis continuou sendo pauta de discussões da imprensa na região. Assim como na ocasião de lançamento do jornal *Sentinela do Estudante* pelo Grêmio Visconde de Cairú do Ginásio São José, abordado na Coluna "Vida Estudantil" do jornal tijucano direitista *Correio do Triângulo* (26/07/1964), que nesta ocasião realizava elogios aos estudantes.

Em decorrência do acirramento da repressão imposta às ações estudantis por todo o país, os impressos produzidos pelos discentes também poderiam se constituir em alvo de coerção. Nesse sentido, percebe-se que a imprensa da região passou a justificar a finalidade de alguns impressos que circulavam entre os estudantes, possivelmente como medida preventiva dos próprios órgãos discentes em relação ao cenário opressor.

Nessa perspectiva se pode observar a nota "DCE Terá Jornal", a qual abordava a possível criação de um jornal estudantil pelo Diretório Central dos Estudantes de Uberlândia. "[...] O Diretório Central dos Estudantes estudará os detalhes finais do lançamento de um órgão universitário, destinado a focalizar os assuntos de natureza universitária" (*Tribuna de Minas*, 16/05/1968). Observa-se o cuidado em destacar os assuntos que deveriam ser tratados em tal impresso, mesmo antes de sua criação.

Constata-se que a temática dos folhetins estudantis foi pouco debatida pela imprensa de Uberaba, em comparação aos jornais de Ituiutaba e Uberlândia.

Tal ocorrência não pode ser explicada pelo fato de haver um número reduzido de periódicos produzidos pelos secundaristas uberabenses, mas sim devido à imprensa local eleger outras temáticas como prioridades, assim como as manifestações dos universitários pela criação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Visto que, Uberaba nesse momento agregava considerável número de cursos superiores, como anteriormente assinalado.

De modo geral, pode-se afirmar que as representações de imprensa relacionadas aos periódicos estudantis sinalizavam estes como importantes meios para o desenvolvimento artístico, cultural e intelectual da juventude.

A imagem do jovem engajado em atividades esportivas também ganhou respaldo nos jornais pesquisados, através de quarenta e duas matérias encontradas que acompanharam os processos de organização, realização, discussão e os resultados dos inúmeros campeonatos esportivos, ocorridos entre os anos de 1950 a 1969, trinta dessas referentes aos secundaristas e doze relacionadas aos universitários de todo o Triângulo Mineiro.

Em agosto de 1952 o *Correio de Uberlândia* já destacava na reportagem "Tiveram início ontem as Olimpíadas Colegiais desta cidade": "[...] as Olimpíadas Colegiais de Uberlândia que terão como participantes todos os colégios e ginásios da cidade sob o patrocínio da prefeitura municipal [...]" (31/08/1952). Esses acontecimentos eram noticiados representando verdadeiros cartões postais para os municípios, com a enunciação dos patrocinadores desses certames. Assim tais eventos se constituíram nesse período em uma das ações que mais mobilizou a juventude.

Os campeonatos esportivos também eram frequentes entre os universitários de Uberlândia e Uberaba, que da mesma forma, tinham seus torneios anunciados pela imprensa, observa-se: "Competições desportivas estudantis [...] Faculdade de Odontologia de Uberaba versus Colégio estadual de Uberlândia [...]" (*Correio de Uberlândia*, 22/05/1954); "Vem aí a II Olimpíada Universitária" (*Correio Católico*, 10/05/1958). Logo nota-se que eram comuns disputas entre secundaristas e universitários de cidades diferentes no mesmo torneio, assim como entre estudantes do mesmo grau de escolaridade e município.

Na década de 1960 multiplicaram-se os anúncios e as reportagens sobre as práticas esportivas entre as instituições educacionais, como reflexo do processo de massificação do esporte que se iniciava por todo o país.

A realização dos jogos estudantis, também foi manchete do jornal *O Repórter* em: "Olimpíadas Colegiais" (09/09/1960); e em "Estudantes Promovem Olimpíadas: UESU patrocina o grande certame" (02/10/1961).

Nesse primeiro título, o referido periódico assinalava a necessidade da população local de valorizar o esporte entre os estudantes, que deveriam ser imbuídos de "entusiasmo" e "fé". Na segunda manchete, destacava o patrocínio da UESU e dos grêmios estudantis dos

colégios de Uberlândia na promoção das disputas de diversas modalidades esportivas, nas categorias feminino e masculino para voleibol e natação e somente masculino para futebol de grama e de salão, *ping-pong* e basquetebol. Fato que demonstrava a diferenciação dos papeis atribuídos para homens e mulheres até mesmo em relação ao esporte nesse período.

Nesse sentido, é possível destacar a circulação de um imaginário que considerava certas modalidades esportivas inadequadas para as meninas, assim como o futebol, em decorrência de sua natural "delicadeza" e "fragilidade".

Lembrando que nesse período, ainda estava em vigor o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 do Conselho Nacional de Desportos (CND), o qual deliberava em seu artigo 54 que: "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país" (BRASIL, 1941).

Em Ituiutaba no início dos anos de 1960 os secundaristas locais organizaram a criação de um órgão próprio para tratar de assuntos exclusivamente relacionados às práticas esportivas, como destacava a matéria "Eleita e empossada a nova diretoria da Liga Estudantil" (LIEC) (*Folha de Ituiutaba*, 11/08/1962).

Assim como os estudantes tijucanos, em Uberaba também existia a Liga Uberabense de Desportos Universitários (LUDU), com chapa dirigente e eleita a cada ano, imbuída do dever de organizar as Olimpíadas Universitárias no município.

O entrosamento de estudantes de toda a região durante a década de 1960 em decorrência desses campeonatos esportivos ocorria até mesmo entre os discentes pertencentes aos municípios mais distantes, assim como Ituiutaba e Uberaba.

Nesse sentido, a Coluna "Vida Estudantil" do *Correio do Triângulo* (17/05/1964), assinalava a participação de um grupo de alunos esportistas do Colégio Diocesano de Uberaba em Ituiutaba nas Olimpíadas estudantis de 1964, organizada pela UEI, que nessa ocasião também passava por um processo de reforma em seus estatutos.

A referida coluna acompanhou de perto as ações dos estudantes em Ituiutaba e também emitia juízos de valor em relação aos empreendimentos da juventude em todo o país, manifestando nesse período posicionamento conservador alinhado a direita, assim como foi anteriormente mencionado em relação ao jornal tijucano *Correio do Triângulo*.

A ocorrência dos jogos estudantis era apresentada sempre com entusiasmo por esse órgão da imprensa. Na ocasião da realização dos "Primeiros Jogos Estudantis da Primavera" em Ituiutaba, a Coluna "Vida Estudantil" (*Correio do Triângulo*, 19/10/1964) salientava o acordo entre o presidente da UEI e o padre João Avi para que as reuniões referidas ao evento fossem realizadas no Salão Paroquial Pio XII. Além disso, destacava a organização do "Baile da Bola" na sede do Ituiutaba Clube para a entrega dos troféus aos vencedores e diversão dos participantes.

De modo geral, foi possível evidenciar que a realização desses jogos era muitas vezes acompanhada de comemorações e grandes festas, representadas pela imprensa como momentos de descontração e lazer entre o meio estudantil, constituindo-se em importante meio de socialização e encontros entre jovens que compartilhavam de determinados grupos sociais.

Conforme os jornais investigados, assim como a UEI, a UESU e a UEU, entidades representantes dos secundaristas de Ituiutaba, Uberlândia e Uberaba, eram também imbuídas da tarefa de organizarem a cada ano os campeonatos esportivos locais, que foram amplamente divulgados pela imprensa, principalmente na segunda metade da década de 1960. Ocorrência esta que reforçava entre a sociedade letrada da região a propagação do ideário que associava a imagem do jovem estudante ao esporte.

É importante salientar que a Educação Física nas escolas brasileiras recebeu primeiramente influência da medicina, em discursos baseados na higiene, saúde e eugenia.

Na segunda metade da década de 1960 apresentou o intuito de servir aos interesses políticos dos grupos que estavam no poder.

> Nesse contexto a educação física passou a ter a função de selecionar os mais aptos para representar o país em diferentes competições. O governo militar apoiou a educação física da escola objetivando tanto a formação de um Exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmobilização de forças oposicionistas. Assim estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007, p.13).

Nesse sentido, o esporte foi considerado área estratégica pelo governo no processo de formação da juventude, que deveria estar de acordo com a manutenção da ordem social vigente. Corrobora-se com o entendimento de que: “A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõe a plataforma básica da Educação Militarista, que visa formar o ‘cidadão-soldado’, capaz de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem” (GUIRALDELLI JR, 1988, p.18).

Em outubro de 1967 a UTES, órgão estudantil de tendência direitista, com sede em Uberaba criado em 1966 para “substituir” a UCMG entre os estudantes triangulinos, organizou o “I Jogos Colegiais do Triângulo: em Uberlândia” (*Lavoura e Comércio*, 12/10/1967). Nesse sentido, evidencia-se que as movimentações esportivas dos estudantes triangulinos eram cada vez mais estimuladas, em detrimento às mobilizações políticas, especialmente após a implantação da ditadura civil-militar no país.

Desse modo, a imprensa triangulina continuou até o final dos anos de 1960 a conceder destaque para o esporte estudantil, como indicava a manchete: “Estudantes lotam UTC para ver olimpíadas” (*Tribuna de Minas*, 11/09/1969). Esta mencionava a participação dos alunos dos colégios de Uberlândia como atletas e também como público dos jogos, ocupando grande espaço entre as reportagens do dia.

Nessa perspectiva, o *Correio Católico* também salientava a realização dos “Jogos universitários interestaduais em Uberlândia: dia 9” (09/10/1969), o qual teria como sede a

cidade de Uberlândia, reunindo grupos de universitários de Brasília, Araraquara, São Carlos, Piracicaba, Ribeirão Preto, Uberaba e Uberlândia. Informação esta que indicava nesse período uma considerável movimentação de estudantes não só da região, mas de outras localidades em torno da prática esportiva. Observa-se também que tais campeonatos eram frequentemente organizados nos meses de setembro e outubro durante os anos finais da década de 1960.

Desse modo, vale ressaltar a valorização da Educação Física durante o governo civil-militar, tanto nas escolas quanto nas universidades, como forma de controlar as ações da juventude em geral.

> [...] a Educação Física mesmo passando por mudanças continuou a avançar sobre a instituição escolar. Com a Lei nº 4.024/61, em seu artigo 22, ratificou-se sua obrigatoriedade no ensino primário e médio. Em 1966, já no período militar, o Conselho Federal de Educação tornou a adoção dessa disciplina obrigatória também nos cursos superiores, pelo Parecer nº 424, o que seria reafirmado com a lei 5692/71, que reformou toda a educação elementar de 1o . e 2o . graus. Assim, a partir da implantação do Governo Civil-Militar, ocorrera nova orientação para a prática da Educação Física, a partir de dispositivos legais, reforçando-se seu caráter disciplinador, especialmente, em momento de afluência do movimento estudantil universitário junto as questões políticas por todo o pais, o que levou o governo a dedicar nova atenção a disciplina de Educação Física, tal qual ocorrera na ditadura Vargas (OLIVEIRA; SOUZA, 2012, p.28).

Nesse contexto, salienta-se que as atividades esportivas discentes eram imbuídas pelos princípios de disciplinarização e higienização da população, por meio da presença e valorização da Educação Física nos currículos das instituições de ensino.

De modo geral, evidenciou-se que o esporte no ensino secundário recebeu maior destaque nos jornais em detrimento ao esporte no ensino superior, até porque este apresentava uma maior demanda entre as instituições secundaristas existentes em maior número na região. Assim como a imprensa de Ituiutaba que raramente abordava o ensino superior, pelo fato deste no referido período não existir no município e em toda microrregião do Pontal Mineiro.

Acredita-se que o constante incentivo a prática esportiva entre os estudantes, principalmente no período da ditadura civil-militar, seja reflexo de um processo ideológico arquitetado pela política educacional então vigente, no sentido de disciplinar as condutas da juventude, afastando desta o envolvimento com a política nacional.

Em relação às manifestações cívicas empreendidas entre a juventude estudantil verifica-se que estas foram frequentes durante todos os anos de 1950 e 1960 na imprensa do Triângulo Mineiro.

As comemorações referentes ao dia de “Tiradentes”, Independência do Brasil, Proclamação da República, “Dia do soldado”, “Dia da bandeira”, eram entusiasticamente abordadas pelos jornais, como se pode ressaltar na reportagem “O colégio estadual e o 21 de abril”:

> Em meio as mais entusiastas manifestações de civismo e patriotismo transcorreu o 21 de abril naquele educandário. As comemorações tiveram tripla finalidade: reverenciar a memória do patrio-martir de nossa independência, mais um aniversário do colégio e homenagear os professores aposentados [...] (*Correio de Uberlândia*, 25/04/1955).

Além da matéria acima, foi possível observar outras como: “O 21 de abril - O Grêmio Castro Alves da Escola Normal Santa Teresa faz-se realizar [...] uma importante sessão solene comemorativa do sacrifício de Tiradentes” (*Correio do Pontal*, 26/04/1956); “21 de Abril no Educandário Ituiutabano – Educandário abre suas portas para que todos assistam a comemoração do dia 21 de Abril pelos estudantes” (*Correio do Pontal*, 25/04/1958); e “Exaltada a memória de Tiradentes no Ginásio São José” (*Folha de Ituiutaba*, 26/04/1958). Dentre essas merece destaque o seguinte recorte:

> [...] TIRADENTES foi sacrificado! Seu sangue serviu para escrever a certidão da nossa aspiração a independência [...] Sua coragem indômita ante o sacrifício supremo da própria vida, arrasta uma plêiade de patriotas ao cumprimento do dever e a prática da justiça. Seja essa data um incentivo a mais ao devotamento da causa sol. Voltemos o nosso pensamento ao céu e peçamos a Deus ilumine os dirigentes deste país próspero e pacífico que custou a TIRADENTES e seus companheiros a própria vida (*Correio do Pontal*, 26/04/1956).

Por meio do discurso veiculado pelo *Correio do Pontal* evidencia-se a presença do imaginário que associava a imagem de “Tiradentes”, ou seja, Joaquim Silvério dos Reis, mártir da Inconfidência Mineira, a Jesus Cristo, em uma espécie de mistura da cultura patriótica com a cristã. Nesse sentido, a morte de “Tiradentes” é comparada ao sacrifício de Cristo. Ocorrência esta que demonstrava o reforço da moral cristã até mesmo em relação aos mártires patrióticos.

Nesse período que se vivia a propagação da ideologia do nacionalismo desenvolvimentista no Brasil, fez-se veicular entre os estudantes a valorização de ideais nacionalistas e cívicos com a exaltação de símbolos nacionais.

> Celebrações cívicas e estímulos aos sentimentos patrióticos são especialmente úteis e eficazes no jogo político, pois lidam com a história e com a memória. Numa perspectiva mais geral as festas são vistas como momentos propícios à afirmação de identidades, crenças e valores, à rememorações de tradições, à legitimação de hierarquias sociais. Ainda que se constitua em lugar de memória, a festa cívica dedica-se, antes de tudo a exaltação da nacionalidade, e na maioria das vezes o seu principal objetivo é a comemoração de um episódio ou personagem vistos como significativos da história da nação ou como símbolos de valores relevantes para a consolidação de uma identidade nacional (FONSECA, 2005, p. 46).

Assim como no cenário nacional, ocorreu no Triângulo Mineiro à propagação de ideários nacionalistas em instituições escolares, meio que seria eficaz para a consolidação de condutas necessárias ao processo de modernização do país, no sentido de formação de cidadãos patrióticos compromissados com o projeto de desenvolvimento nacional.

Em setembro de 1955 o *Correio Católico* divulgava a fotografia de mais um desfile de estudantes realizado em Uberaba, como manchete do dia “Desfila a Juventude Uberabense no 7 de setembro” (08/09/1955), a qual demonstrava considerável participação de discentes no evento.

JÓQUEI CLUBE: GRANDE RECITAL DE VIOLINO

Por ordem do sr. Presidente, convido os senhores associados e exmas. famílias para assistirem o recital da jovem violinista Joyce Flissler, de fama internacional, que será levado a efeito amanhã, sexta-feira, dia 9, às 20 horas, em seu salão de festa.

PAULO VICENTE DE SOUZA LIMA — 2.º secretário.

DESFILA A JUVENTUDE UBERABENSE NO 7 DE SETEMBRO

JUSCELINO DILATA SUA FRENTE

LUIZ GALOTTI, NOVO PRESIDENTE DO TSE

Edgar Costa volta ao antigo posto

Garbosamente, a data de nossa Independência foi ontem comemorada. Os principais estabelecimentos de ensino estiveram presentes às manifestações, demonstrando o amor do povo uberabense à sua Pátria. (Notícia na últ. pág.)

MOTORES A ÓLEO: — HP — MOTORES A GASOLINA: 13 — 24 — HP

PRODUTOS CERES S/A
Rua Tristão de Castro, 46-A

BANCO FINANCIAL DA PRODUÇÃO S. A.

(Em Liquidação Extra-Judicial)

AVISO AOS INTERESSADOS

Não dispondo o Banco Financial, por deficiência de seus fichários e registros, de elementos indispensáveis à classificação de seus depositantes, referente às relações jurídicas entre os mesmos

Tem novos proprietários a emprêsa de auto-ônibus Líder

INUNDAÇÕES DESABRIGAM 45 MILHÕES DE INDIANOS

AVISO

BACHUR HALLAL — concessionário da INTERNATIONAL HARVESTER MAQUINAS S. A. — em Uberaba, tem o grato prazer de avisar aos seus distintos amigos, fregueses e ao público em geral que transferiu definitivamente, seu escritório, secção de peças e exposição, da Praça Frei Eugênio, n.o 69, para o moderno e apropriado prédio próprio situado à Rua São Benedito, n.o 129, alto de São Benedito.

Esperando, dêste modo, continuar merecer a confiança de todos aquêles que sempre o honraram com sua preferência, aproveita o ensejo de convidar à uma visita

Figura 3 : Ilustração sobre a realização de desfile cívico da juventude

Fonte: *Correio Católico*, 08/09/1955.

As festas cívicas retratadas pelos jornais abordavam a realização dos desfiles de sete de setembro todos os anos e associavam a imagem do estudante que participava dessas comemorações ao cidadão patriota, nacionalista, considerado o futuro da nação e até mesmo ao militar representado pela imagem da ordem e da disciplina, por meio dos uniformes impecáveis, das famosas marchas ensaiadas e sincronizadas apresentadas nesses desfiles.

Essas comemorações cívicas veiculadas pela imprensa transformavam-se em importantes propagandas dos estabelecimentos de ensino, principalmente os de iniciativa privada, na tentativa de atrair reconhecimento e prestígio pela sociedade local.

Com a ocorrência do golpe civil-militar no país, fez-se circular pela sociedade brasileira o imaginário de que os militares teriam ensinamentos importantes para a educação de crianças e jovens brasileiros no processo de formação de cidadãos patriotas, imbuídos de espírito cívico necessário para a manutenção da “ordem” e da “disciplina”.

Assim como foi veiculado no artigo “O Encontro do Exército com a Juventude”, o qual tecia considerações sobre a importância da educação cívica nas instituições de ensino, em decorrência das visitas de soldados do Exército às escolas na capital mineira nas celebrações da “Semana de Caxias”, em agosto de 1966.

> [...] o aspecto, de o Exército, como educador do povo, ao lado da família, da escola e do gôverno, vir ao estudante, através de sua vida pessoal as escolas da capital ensinar Educação Cívica e falar em educação é deveras feliz e magnífico. É um aspecto social muito interessante e oportuno. É uma conjunção de forças, maravilhosas para a Democracia. Nunca se poderá prever tão sadia alteração de hábitos seculares, levando os môços e as crianças a verem no soldado, não apenas o Guardião da Democracia, o mantenedor da ordem e o defensor da Pátria. Mas também o educador do povo, o formador de cidadãos e agora o impulsionador da educação Cívica [...] Se vier da escola o hábito de cantá-lo e ouvi-lo com respeito, o Hino Nacional lembrar-nos-á sempre a Pátria e o Brasil! (*sic*) (*Correio de Uberlândia*, 31/08/1966).

Nesse cenário as comemorações ao "dia do soldado", em homenagem ao patrono do Exército Brasileiro, "Duque de Caxias", ou seja, Luís Alves de Lima e Silva, em 25 de agosto, data de seu nascimento, eram entusiasticamente realizadas nas escolas mineiras e incentivadas pela imprensa triangulina.

Por meio do artigo acima analisado, reafirma-se que o *Correio de Uberlândia*, nesse período, se apresentou favorável ao direcionamento proposto pela política educacional do governo militar, afirmando a importância da educação cívica com a obrigatoriedade da entonação do Hino Nacional Brasileiro nas escolas.

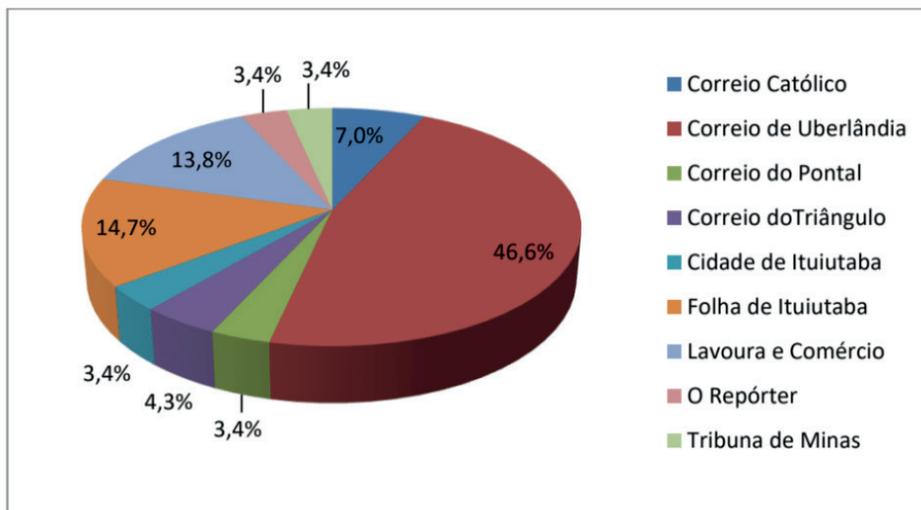
Os desfiles cívicos, assim como os campeonatos esportivos, se constituíram em verdadeiros espetáculos e "cartões postais" das instituições de ensino na região, movimentando as agremiações estudantis secundaristas nos processos de organização destes acontecimentos. Nesse sentido, o *Correio Católico* divulgou a entrega dos troféus às escolas campeãs na sede da UEU referente ao desfile de 7 de setembro de 1968 em Uberaba, por meio do anúncio "Entrega dos troféus será hoje na UEU" (11/09/1968).

Em julho de 1969 a *Tribuna de Minas* publicava em destaque a reportagem: "Ministro da justiça fala civismo para os jovens" (12/07/1969). Nesta, tal órgão da imprensa, assim como o *Correio de Uberlândia*, se apresentava favorável a necessidade de uma educação moral e cívica para a juventude brasileira, principalmente no ensino secundário, proposta pelo então ministro da justiça, Gama e Silva.

Nessa perspectiva concorda-se com o entendimento de que nesse período era comum esperar "[...] do estudante sua dedicação integral aos interesses da pátria, elemento de sedimentação dos princípios da nação brasileira, juntamente com o fortalecimento da instituição familiar e a tradição cristã do povo" (FRANCO, 2011, p.13).

De modo geral constatou-se que as principais práticas discentes difundidas pelos impressos estudados concentravam-se em torno de: bailes; realização de eventos diversos; atividades artístico-literárias nos grêmios escolares; excursões; jornais estudantis; festivais universitários de arte; campeonatos esportivos; desfiles e comemorações cívicas. Tais atividades foram tratadas como prioridade nos jornais, principalmente após a implantação do governo civil-militar no país, de forma que a imagem construída sobre o estudante da região estaria associada a essas.

Em relação a tais práticas culturais diversas e esportivas no meio discente, tanto secundarista quanto universitário, foi encontrado o total de cento e dezesseis matérias relacionadas em todos os jornais investigados. Logo, foram calculados os percentuais de notícias publicadas em cada impresso, assim como demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 2- Práticas culturais e esportivas entre os estudantes nos jornais de Ituiutaba, Uberaba e Uberlândia (1950-1969)

Fonte: Dados da Pesquisa, 2017

Por meio da análise do gráfico 2, pode-se observar novamente o destaque para o *Correio de Uberlândia*, o qual ocupou cerca de 46,6% do total das publicações encontradas referentes às práticas culturais e esportivas no meio estudantil. Dessa forma, foi possível constatar uma maior atenção desse periódico em relação às questões relacionadas ao universo estudantil nos anos de 1950 e 1960, tendo em vista que Uberlândia nesse período passava por um acelerado processo de desenvolvimento econômico e social, fato que permitia abrir espaços para novos tipos comportamentais.

Logo a imprensa uberlandense foi responsável por 53,4% do conteúdo analisado referente a tal temática, em seguida aparecem os jornais de Ituiutaba somando 25,8%, com ênfase no trabalho da *Folha de Ituiutaba*, que até o golpe civil-militar veiculou 14,7% desse número. Em última instância apresentam-se os periódicos de Uberaba com 20, 8% do total.

Verificou-se que o *Correio de Uberlândia* e a *Folha de Ituiutaba* representaram importantes veículos de divulgação e promoção das práticas culturais e esportivas vivenciadas principalmente nos renomados colégios locais, os quais visavam atrair clientela, devido à grande circulação dos referidos periódicos entre o meio letrado de suas cidades de origem. Dessa forma, esses jornais se constituíam em meios eficazes de celebração dos grupos sociais mais abastados e reserva de mercado das instituições privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, foi possível observar a ocorrência de um maior número de matérias jornalísticas que tentavam disciplinar as condutas dos jovens e valorizar o caráter cultural e cívico das agremiações. Nesse sentido, foram encontrados cento e quarenta e um textos relacionados à participação política dos estudantes na região e o total de duzentos e vinte e nove distribuídos entre artigos que exaltavam os princípios cristãos católicos na educação de moças e rapazes, discutiam os hábitos e a formação da juventude e valorizavam a ocorrência das práticas culturais e esportivas no meio estudantil.

Com isso, confirmou-se mais uma vez a ocorrência da constante preocupação com o controle do comportamento moral e disciplinar dos jovens estudantes, muito maior do que com as questões intelectuais. Assim, foi predominante na imprensa da região a veiculação de artigos de cunho moralista.

Neste livro foi possível evidenciar as principais imagens construídas em torno da juventude e os princípios educacionais que circularam no imaginário de considerável parte da população letrada no Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960. Já que o jornal deve ser considerado como uma rica fonte de pesquisa, abarcando uma diversidade de colaboradores que escrevem em suas páginas e se constituindo em importante espaço de afirmação de ideias e ações educacionais (NÓVOA, 1997).

Em suma, buscou-se também apontar a necessidade e a importância das pesquisas referentes às representações de imprensa sobre os estudantes, observando as especificidades de cada contexto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES - MAZZOTTI, Alda Judith. Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicações a educação. **Revista Múltiplas Leituras**, v.1, n. 1, p. 18-43, jan. / jun. 2008. https://doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v1n1p18-43

AMARAL, Giana Lange do. Os jornais estudantis Ecos Gonzagueanos e Estudante: apontamentos sobre o ensino secundário católico e laico (Pelotas/RS, 1930-1960). In: **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 17, n. 40, Maio/ago. 2013, p.121- 142. https://doi.org/10.1590/S2236-34592013000200007

ARAÚJO, Maria P. Nascimento. **Memórias estudantis: da fundação da UNE aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

ARDUINI, Juvenal. Arduini, Juvenal - Biografia. In: **Revista do Arquivo Público de Uberaba**, Uberaba-MG: Arquivo Público de Uberaba, 1992.

ARY, Zaíra. **Masculino e feminino no Imaginário Católico**: da Ação Católica à Teologia da Libertação. São Paulo: Annablume, 2000.

BARBOSA, Marinalva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

CACCIA-BAVA, Augusto; COSTA, Dora Isabel da. O lugar dos jovens na história brasileira. In: CACCIA-BAVA, Augusto, PÀMPOLS, Carles Feixa e CANGAS, Yanko González (orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP; 1999.

CAPELATTO, Maria Helena. R. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto- EDUSP, 1988.

CARDOSO, Irene. Maria Antonia: o edifício de nº 294. In: MARTINS FILHO, João Roberto. **1968: Faz 30 Anos**. Campinas: Editora UFSCar/Mercado das Letras, 1998.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da rebeldia**: a juventude em questão. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

CARVALHO, Carlos Henrique de.; INÁCIO FILHO, Geraldo Inácio. Debates educacionais na imprensa: Republicanos e católicos no Triângulo Mineiro-MG (1892-1931). In: SCHELBAUER, Analete Regina; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs.). **História da Educação pela Imprensa**, Campinas, SP: Alínea, 2007.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. Educação em revista - **A imprensa pedagógica e a História da Educação**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. 3.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007. https://doi.org/10.7476/9788539304554

CUNHA, Luiz Antônio; GOES, Moacyr de. **O golpe da educação**. 11. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e educação brasileira**: católicos e liberais. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

DARIDO, Suraya Cristina e SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. Campinas-SP: Papirus, 2007.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. Mídia, cultura e revolução. São. Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DINES, Alberto. **Papel do Jornal**: uma releitura. 4. ed. São Paulo: Summus, 1986.

FÁVERO. Maria de Lourdes de Albuquerque. **UNE em tempos de autoritarismo**. Editora UFRJ, 1995.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. A Exteriorização da Escola e a Formação do Cidadão no Brasil (1930-1960). In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 4, p. 43-57, jun. 2005.

FORACCHI, Marialice Mencarini. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Pioneira Editora, 1972.

FRAGO, Antonio Viñao. Del espacio escolar y laescuela como lugar: propuestas y cuestiones. In: **Historia de La Educación**, Salamanca, v. 13-14, 1993-1994, p. 17-74.

FRANCHETTI, Paulo. **Estudos de literatura brasileira e portuguesa**. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2007.

FRANCO, Isaura Melo. **A Formação da Cultura Estudantil Tijucana (Ituiutaba-MG, 1950- 1960).** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, 2011.

_______________. **Estudantes tijucanos em cena: história de suas organizações políticas e culturais (Ituiutaba-MG, 1952-1968)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2014, 187 p.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta T. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e educação no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física Progressista**. São Paulo, Loyola, 1988.

GUILHON ALBUQUERQUE, J. A. Movimento estudantil e classe média no Brasil. In: GUILHON ALBUQUERQUE (org.). **Classes médias e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 117-44.

GROPPO, Luís Antonio. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 2. ed. Edusp, 2001.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: entre jornalistas e censores. In:REIS, Daniel Aarão et. al. (orgs). **O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru-SP; Edusc, 2004.

LIMA, Haroldo e ARANTES, Aldo. **História da AP, da JUC ao PC do B**. São Paulo: Alfa - Omega, 1984.

LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

__________ . História dos, nos e por meio dos periódicos: trajetórias e perspectivas analíticas. In: PINSKY, Carla. (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **Os bispos do Brasil e a imprensa**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar (1964-1968)**. Campinas: Papirus, 1987.

MARZON, Izabel. A.; JANOTTI, Maria de Lourdes. M.; BORGES, Vavy. P.A esfera do político na produção acadêmica sobre São Paulo. In:

FERREIRA, Antonio. C.; De LUCA, Tânia. R.; IOKOI, Zilda. G. **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: UNESP, 1999.

MENDES JR. Antônio. **Movimento estudantil no Brasil**. (Coleção Tudo é História: 23) São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969**. In: TOPOI, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85. https://doi.org/10.1590/2237-101x014026005

PACHECO, Simone Beatriz Neves. Colégio São José: **Gênese e Funcionamento da Escola dos Estigmatinos em Ituiutaba-MG (1940-1971)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

PAULA, Eustáquio Donizeti de. **Regime Militar, Resistência e Formação de Professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964 -1980)**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Uberaba, 2007, 206 p.

POERNER, Artur José. **O poder jovem**. História da participação política dos estudantes brasileiros. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SANFELICE, José Luis. **Movimento estudantil**: a UNE na resistência ao golpe de 64. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

SAVIANI, Demerval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas-SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:** ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

VIEIRA, Margarida Luiza de Matos. 68: Os estudantes mineiros e o desejo de um novo mundo. In: MARTINS FILHO, João Roberto. (org.). **1968 faz 30 anos**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp; São Carlos, SP: Editora da Universidade de São Carlos, 1998.

WEINMANN, Amadeu Oliveira. Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. In: **Psicologia & Sociedade**; 24 (2), 382-390, 2012. Disponível emfile:///D:/Users/anjo/Downloads/Dialnet-JuventudeTransgressiva-4002608.pdf. Acesso em 01 nov. 2018.

ISAURA MELO FRANCO: Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, FACED-UFU, na linha de História e Historiografia da Educação. Possuí Graduação em Pedagogia pelo Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia, ICHP-UFU. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Fundamentos da Educação. Tem experiência em pesquisas em História da Educação do Brasil República, com ênfase nos temas: educação e imprensa, juventude, movimento estudantil, cultura escolar. Trabalhou como professora no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia (ICHP-UFU), ministrando as seguintes disciplinas: Fundamentos da Educação Infantil; Currículo e Educação Infantil; Jogos, Brinquedos e Brincadeiras; Direito à Infância e Educação ; Projeto Integrado de Prática Educava ; Alfabetização e Letramento; Aprendizagem e Informática na Sala de Aula; Processo de Alfabetização; Direito à Infância e Educação; Aprendizagem e Educação Inclusiva; Pensamento Filosófico Brasileiro; Psicologia da Educação; Antropologia Cultural; Construção do Conhecimento de Geografia; Construção do Conhecimento de Artes; Currículos e o Trabalho Pedagógico; Construção do Conhecimento Interdisciplinar; Avaliação Educacional; Construção do Conhecimento de Ciências; e Movimentos Sociais e Gestão. Atuou como Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID no Subprojeto Pedagogia na Gestão Escolar. Atualmente trabalha como Especialista em Educação Básica na rede pública de ensino.